

GRUPES/UFRRJ



A docência (que) conta IV:
cartas de três professoras-pesquisadoras
ao tempo

Com afeto,

Adriana Alves Fernandes Costa

Juaciara Barrozo Gomes

Luiza Alves de Oliveira

**A docência que conta IV:
cartas de três professoras-pesquisadoras
ao tempo**

**Adriana Alves Fernandes Costa
Juaciara Barrozo Gomes
Luiza Alves de Oliveira**

**A docência que conta IV:
cartas de três professoras-pesquisadoras
ao tempo**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Adriana Alves Fernandes Costa; Juaciara Barrozo Gomes; Luiza Alves de Oliveira

A docência que conta IV: cartas de três professoras-pesquisadoras ao tempo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 173p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1173-2 [Impresso]
978-65-265-1197-8 [Digital]

1. Cartas. 2. Narrativas docentes. 3. Experiência. 4. Professoras pesquisadoras. I. Título.

CDD – 370/800

Capa: Maria de Fátima Lucimara Santos Nóbrega com finalização técnica de Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Lourdes Kaminski

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

*E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver*

*No fundo é uma eterna criança
Que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder
Me esquecer*

*(Resposta ao tempo, de Aldir Blanc e Cristovão
Bastos).*



Batidas na porta da frente, aos nossos tempos



*Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo*

(Aldir Blanc e Cristovão Bastos).

As palavras contadas, neste livro, falam dos nossos encontros com a docência e com a pesquisa narrativa, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus* Seropédica. Passado o verão iluminado de 2024, em um ato de perseverança, reunimos histórias que demonstram os nossos marcadores de *temposespaços* no processo de se fazer docente, ao longo da vida, até a chegada na educação superior, em especial na UFRRJ.

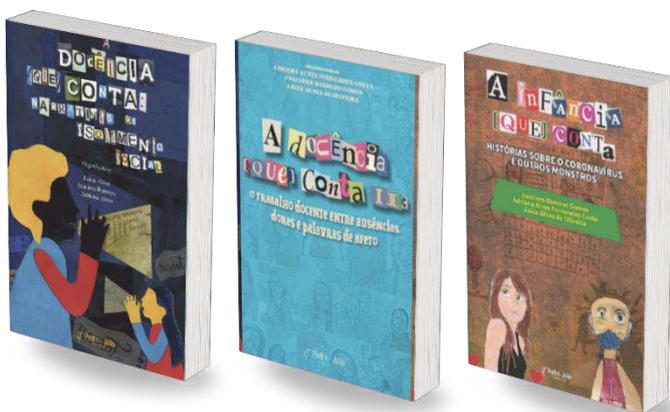
Intencionamos contar as nossas docências tecidas nos diferentes espaços da universidade, na relação com a historicidade que nos compõe, logo, escrevemos cartas endereçadas a todas as pessoas interessadas ao tema e também a nós mesmas. Um tanto mais destemidas, fundamentalmente, endereçamos as cartas aos nossos tempos: trabalhamos com interlocuções que ora (nos) libertam, ora (nos) aprisionam e ora permanecem como são, movimentos que, sabidamente, Almir Blanc e

Cristovão Bastos musicalizaram, em alguma medida, “Que ele adormece as paixões/Eu desperto”.

Uma parte da história foi germinada pelo tempo, quando nos encontramos no ano de 2016, na universidade compartilhando *temposespaços* em uma sala, atualmente a sala 31 do Instituto de Educação, da UFRRJ. Ali, nossas narrativas se estruturaram pelo encontro da experiência do reconhecimento de nós mesmas, quando o tema da pesquisa narrativa combina com nossas vidas.

Em 2017, fundamos o Grupo de Estudos Espaço de Saberes, o GRUPES. Os sistemáticos encontros permitiam o estudo sobre o tema da pesquisa narrativa, mas também o aprendizado sobre ser e estar docente em um lugar, a UFRRJ, que nos parecia, em diversos momentos, estranho. Isso porque tínhamos algo em comum: éramos três mulheres pertencentes à classe trabalhadora e com importante lastro de atuação desenvolvido na educação básica. Este repertório experiencial nos parecia dúbio: ao mesmo tempo que nos impelia para pensar a nossa atuação como docentes, também nos causava algum distanciamento com os modos vigentes de fazer pesquisa, na universidade. Tínhamos a nítida impressão de que tamanha experiência acumulada, ao longo de muitos anos, não reverberava em resultados esperados pela tradicional cultura acadêmica. Em outras palavras, tínhamos muitas ricas histórias vividas e uma certa escassez de pesquisas e publicações, fundamentalmente nos faltava(?) a construção de um perfil pesquisador, tal como socialmente legitimado. Entretanto, através dos nossos

encontros no GRUPES e em outros espaços de vida, compreendemos, justamente, que o nosso conjunto de experiências constituía a nossa maior preciosidade. A partir de então, construímos um conjunto de publicações e entradas em eventos científicos nacionais e internacionais, nos aproximamos de uma comunidade de pesquisadores outros que compunham interesses em comum e com larga experiência desenvolvida com o tema da pesquisa narrativa.



Livros organizados e publicados em parceria com Adriana e Juaciara

Fonte: Arquivo do GRUPES.

Com o decorrer do tempo, percebemos que o ambiente da universidade também era modificado por nós, por intermédio da introdução do tema em nossas diversas atividades, percebemos que a abordagem, a

qual nos constituía, se delineava como uma diretriz íntima. Isso porque, um destaque produziu muitos sentidos para nós: a expressiva maioria dos estudantes da UFRRJ compunham a classe trabalhadora e eram moradores da região da Baixada Fluminense, aspectos que apontavam para a relevância de trabalharmos com as narrativas, em diversos formatos: como pesquisa, como conteúdo nas disciplinas ofertadas, como tema de estudo no GRUPES, como produção e publicação escrita. Essa diversidade de abordagens favoreceu maior amplitude e profundidade não apenas à compreensão da temática, mas nos parecia um significativo e propício dispositivo de formação, quando referenciamos a potência formativa da classe trabalhadora construir outros modos de se contar e produzir outras versões da história e de suas histórias. Escrevemos a nossa opção metodológica em estado recente, em um livro no prelo, intitulado *A pesquisa (que) conta: sentidos e significados construídos em grupo de estudo*.

A escolha desse caminho investigativo foi impulsionada por acreditarmos nesse tipo de pesquisa como um dispositivo que nos permite compreender a realidade mediante a manifestação das diferentes subjetividades, na perspectiva do que Josso (2004) denomina de singular-plural, na qual as particularidades nos permitem compreender o contexto social mais amplo.

Portanto, a história que contamos no presente livro é composta por tensões e encontros de trabalho e amizade. Tensões vividas no interior da convivência com distintas pessoas que compõem o coletivo de

trabalho na rural e também fora dela. E encontros que atravessaram tempos: antes de ingressar como docentes na UFRRJ, Juaciara e Luiza já se conheciam, eram amigas e companheiras de trabalho, depois encontraram a Adriana no espaço da universidade.

Talvez este livro possa bater na porta da frente dos tempos docentes que iniciam seus trabalhos na educação superior. Talvez ele seja a nossa forma de registrar versões, ainda mais plurais, de nos tornarmos professoras no interior da universidade. Para nós, escrever sobre o tema se fez importante para desvelar a forma como ocupamos os espaços acadêmicos, a partir do aporte teórico metodológico, ao qual nos dedicamos estudar e compreender, com vistas a trabalhar com outros modos de vida e contribuir com a ampliação da democratização da universidade brasileira. Democratização que nos é cara, em especial após termos sobrevivido à pandemia de Covid-19 e a um governo que desprezava a universidade como um bem público.

*Adriana Alves F. Costa
Juaciara Bastos Gomes
Luiza Alves de Oliveira*

Seropédica, quando o verão ardente de 2024 ainda
ilumina os nossos corpos.



Caras leitoras e caros leitores



Espero que estejam bem!

Sinto-me impulsionada a escrever este prefácio em forma de carta para vocês que, a partir de interesses distintos, vão desfrutar da leitura do bom livro “ A docência que conta IV: cartas de três professoras-pesquisadoras ao tempo”. As cartas lidas que compõem este livro, endereçadas a pessoas tão especiais para as vidas das professoras Adriana Alves Fernandes Costa, Juaciara Barrozo Gomes, Luiza Alves de Oliveira, me mobilizam ao desejo da escrita deste convite à leitura através de missiva. É um “prefácio carta”.

Vou enredar, colegas, fios que vislumbrei na leitura. Fios que se amarram ou que ficam soltos, ou ainda ficam emaranhados nas ideias que provocaram em mim e nas marcas deixadas ao longo da leitura do livro. Fios que indiciam o lugar desta leitora que vos fala e que converge com as histórias das professoras autoras do livro: professora universitária, pedagoga, que se produz também na escola pública, que foi estudante trabalhadora, militante dentro da igreja, dentre tantos outros “serestar” na vida.

Assim como Luiza afirma que a sua “voz ganha polifonia e passa a ser (trans)formada pelos diálogos, palavras e ações em convívio”, ler estas cartas produziu

em mim polifonias e vão produzir em vocês, leitores, tantas outras polifonias. São encontros com meus espaços de formação, com minha atuação na educação básica, encontros com um modo de ser fazer profissão docente das classes populares. Eu me desloco e vou navegando neste outro tempospaço distinto do meu para me embebedar de palavras tão cheias de vida, de afetos, de luta, de enredamentos de histórias que se encontram na busca por uma formação de professoras e professores comprometidas com a qualidade socialmente referenciada da educação pública.

Vocês, leitoras e leitores, que por diferentes meios tiveram conhecimento deste livro, encontrarão nele três professoras dando sentido ao que são pelas palavras, produzindo novas mulheres atravessadas pelas palavras que as constituem no tempo das suas escritas. Intencionam, como anunciam nas “Batidas na porta da frente, aos nossos tempos”, falar dos “encontros com a docência e com a pesquisa narrativa, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica. Passado o verão iluminado de 2024, em um ato de perseverança, reunimos histórias que demonstram os nossos marcadores de temposespaços no processo de se fazer docente, ao longo da vida, até a chegada na educação superior, em especial na UFRRJ”. Mais do que mostrar suas histórias individualmente de encontros com a docência e com a pesquisa narrativa, mostram

como se encontraram na universidade e passaram a trabalhar coletivamente.

Elas vão desvelando a forma como ocupam os espaços acadêmicos a partir do aporte teórico metodológico da pesquisa narrativa para contribuir com a inclusão radical de uma parcela da população na universidade brasileira. Desta forma também contribuem para a ampliação da democratização deste espaço.

E nesta hora, colegas, lembro de Bourdieu que em seu livro "Esboço de uma autoanálise" afirma que "compreender é, em primeiro lugar, compreender o campo em que nos fizemos e contra o qual nos fizemos" (p. 15). Aqui as professoras se apresentam neste movimento de dizer onde estão suas raízes e onde estão suas lutas. Neste sentido importa tomar duas expressões que me levaram para lugares muito próximos. A professora Juaciara lembra que o "apesar de..." foi muito presente em sua vida e a professora Luiza "carregou muita água em peneira". Duas expressões que dão a ver marcas de re-existência em suas histórias, marcas de ser e que, nas singularidades de suas vidas, nos dão a dimensão das vicissitudes e das produções de formas novas de viver no cotidiano da vida. Interessante que, nesta perspectiva, Juaciara afirma que viveu insubordinações decorrentes de sua condição social. O "apesar de" reflete as condições que são traçadas para uma parcela excluída da sociedade que navega contra a

corrente da história oficial. E mostra as marchas das brechas históricas.

Quero falar um pouco da opção pela escrita de cartas e o que elas me provocaram a pensar. A escrita de cartas, pareceu-me um movimento de decolonialidade de nosso pensamento, uma forma de construir conhecimento a partir de outra relação com a produção científica, ou seja, a partir de outra abordagem epistemológica. Escrever de si, problematizar-se, colocar-se em questão é reconhecer uma dentre tantas possibilidades epistemológicas. Além de me remeter à Bourdieu, também me remeto à Boaventura de Sousa Santos para quem todo conhecimento é autoconhecimento. E que há necessidade de construirmos novas formas de dizer do mundo, reconhecendo as epistemologias do sul. Talvez neste contexto, podemos nos lembrar de Paulo Freire e o reconhecimento que fez das missivas como instrumento dialógico, afetivo e político. E aí, as cartas de Adriana, Juaciara e Luiza são como as cartas pedagógicas freireanas, são cartas compromissadas politicamente com um mundo mais justo, humano, solidário, horizontal.

E na continuidade da reflexão sobre a opção pela escrita por parte das autoras, me lembro de Certeau, para quem existe a arte de dizer. Ao optarem pela escrita de cartas, fizeram uma opção por uma arte de dizer aliada sim, à uma arte de fazer e à uma arte de pensar. A escolha por dizer de diferentes formas implica um modo de operar

na relação social. Por isso não se diz individualmente. O dizer sempre está no contexto, está a ser uma produção dos sujeitos no contexto de ser praticante. As autoras são praticantes da arte de escrever cartas como um ato de conhecer-se e produzir conhecimento a partir deste modo de operar no campo da formação. Lemos as cartas e vemos contextos políticos se desenhando, lutas por educação inclusiva na sua radicalidade, luta por construção de práticas pedagógicas comprometidas com os excluídos socialmente, como jovens e adultos que foram privados do exercício deste direito na infância e adolescência, objeto de reflexão em cartas da professora Adriana. Vemos atuação na periferia se desenhando, além de tantas potências de reflexão sobre contextos sociais, políticos, culturais e econômicos na relação com a micro história, com o cotidiano das três professoras.

Ademais, as cartas dão a dimensão da constituição de uma vida profissional enredada nas histórias pessoais. Adriana nos conta do lugar de sua mãe no seu percurso formativo de vida formação enredando o tema da educação de jovens e adultos. E quero dizer que os olhos marejaram neste e em outros momentos da leitura do livro. E não poderia deixar de falar das imagens escolhidas pelas professoras para mostrar o enredamento das histórias de como foram se constituindo professoras. As imagens tomam significados importantes quando enlaçadas às histórias contadas. Imagens que potencializam a leitura do livro.

Ao mesmo tempo que as fotos materializam as histórias, também ampliam nossa leitura e nos levam para os espaços/lugares das experiências.

Colegas, vou chegando ao fim e não gostaria de me alongar muito, pois o bom está nas palavras que seguem nas missivas das professoras. Espero ter aflorado o desejo da leitura. Entretanto não posso terminar este “prefácio carta” sem fazer uma associação com o momento nacional que vivemos. O estado do Rio Grande do Sul sofre com as enchentes que atingiram quase 90% de suas cidades, derivadas das mudanças climáticas. Ler estas cartas cheias de sensibilidade me faz lembrar da onda de solidariedade que atinge a população brasileira neste momento para amenizar a angústia deste povo.

Para vocês, deixo o meu abraço e desejo que tenham uma leitura aprazível.

Campinas, outono de 2024

Adriana Varani

Referências

BOURDIEU, Pierre. Esboço uma auto-análise. São Paulo: Cia. das Letras, 2005

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para uma sociologia das ausências e sociologia das emergências". http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf. Acessado em 10 de maio de 2024

Cartas

- 23** Fragmentos de formação de uma professora da e na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, cartas às mulheres da *nossaminha* vida
Adriana Alves Fernandes Costa
- 73** Viver e contar: a identidade narrativa da professora formadora de professores
Juaciara Barrozo Gomes
- 135** De como me formei professora em cartas (que) contam histórias
Luiza Alves de Oliveira



WASHINGTON
OCT 20
CITY

POSTAL SERVICE
SO

**Fragmentos de formação de uma professora da e na
Educação de Jovens e Adultos no Brasil, cartas às
mulheres da *nossaminha* vida**

Adriana Alves Fernandes Costa¹

Carta I

Remetente: Adriana

Destinatária: Ana



*Faz tempo que eu vi o seu rosto
Mas lembro demais o seu jeito
O meu coração em soluço
Sofreu apertado no peito
O tempo passou tão depressa
daqui eu nem vejo a distância
Mas lembro que eu quis lhe mandar
Perdão pela ignorância
(PC Silva).*

Sinto a presença da alegria tensa de outubro, do ano de 2023, em mim, Ana². O povo brasileiro elegeu um

¹ Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica. E-mail: adrifernandescosta@gmail.com

² Para conhecer outros escritos sobre a professora Ana, a autora desse texto recomenda a leitura do artigo intitulado: “O projeto educativo de uma professora na perspectiva freireana: a narrativa de uma

outro presidente da república e apesar do país ainda viver um luto desmedido, causado pela barbárie vivida em tempos pandêmicos, hoje eu estou alegre!

Mas, há quanto tempo não nos falamos? Parece que apenas agora é possível decifrar os tantos silêncios que se impuseram entre nós. Nem imagino como estejas, a pálida imagem que contemplo de ti, neste instante, é de uma tímida e cansada professora alfabetizadora, trabalhando na Educação de Jovens e Adultos, na rede municipal de ensino de Paulínia, São Paulo.

Mais de dez anos se passaram. O tempo não se dissolveu para mim, então, algumas histórias se anunciaram em forma de desejo de escrita, logo os fragmentos de formação que receberás, em forma de carta, desejam portar alguma aura de mônada. Um desejo quimérico, talvez!

Sim, esta é a minha “rua de mão única”³, é o meu estudo inacabado e prenhe de querer. Entrelacei alguns aglomerados acanhados de palavras e os transformei em cartas pedagógicas (Aliança; Tavares; Passegi, 2022), posso ter causado rebuliços, mas se assim foi, apresento o meu pedido: “perdão pela ignorância”,

práxis emancipadora”. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1818>. Indica, também, a leitura do texto: “O desenvolvimento profissional docente no trabalho com a alfabetização de idosos”. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/212>

As práticas educativas narradas, contidas em ambos os artigos, referem-se àquelas exercidas pela professora Ana, isto é, a mim. Na ocasião da produção dos referidos escritos optamos (eu e os demais autores) por um codinome, Ana.

³ Refiro-me ao título do texto “Rua de Mão Única”, de Walter Benjamin.

como diz a linda canção interpretada por PC Silva e Mônica Salmaso.

Como bem sabe, Ana, desde sempre, sou obstinada por uma imagem de lamparina que parece me guiar para o entendimento da mulher professora branca campineira de sangue baiano que me forma. Costumeiramente, observo muitas professoras dentro de mim, a alfabetizadora, a formadora de outras professoras e aquela que hoje me ocupa na universidade, mas todas retratam as faces de uma única que me faz existir: a da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma teimosia em educar a classe trabalhadora me persegue porque eu sou constituída por ela, sou a ardência desse lugar social que me apresenta.

Os tantos lugares que escolhemos, como nossos, anunciam quem somos e definem algumas das nossas mais importantes experiências. Há lugares que remediam as nossas dores. Há lugares (quase todos) para viver com tristezas e alegrias e há lugares que parecem materializar uma parte de certas histórias, em cada canto. Há lugares bonitos que desejamos regressar, em algum futuro. Há lugares que conjugam tudo isso. Há passagens. Há becos. Tardei em aprender que sentimos saudades ou repulsas de lugares: composições de ruas, cores, cheiros e formas que retratam os acontecimentos que vivemos por ali. Mas, há lugares que só existem dentro da gente e que, por vezes, e corajosamente, compartilhamos com o mundo. E, há tantos outros lugares (im)possíveis.

Falando assim, Ana, tenho a impressão de que somos uma única pessoa, pode ser. Talvez eu precise te

inventar para me corresponder com os tempos que me formam. Por instantes, sua imagem é tão real e, às vezes, nem tanto. Você e eu somos mulheres que cobiçam o entendimento de si, pela escrita. Por isso, esta carta representa um gesto do que me foi possível partilhar, por meio dela escrevi sobre os meus/nossos lugares de existências possíveis.

Um encontro de histórias pode ser potente para interpretarmos a educadora que lida com o processo formativo de pessoas jovens, adultas e velhas da classe trabalhadora no Brasil. Um encontro de histórias é sempre um lugar de muitos achados e também e de muitas ausências, assim são as correspondências que pretendo travar com você e comigo. Meu modesto e ingênuo desejo é que você possa ler essas palavras e possa fazer delas o que bem quiser. Uma vez que esta carta chegar até você, só me restará o desejo de resposta.

Tempos atrás, recuperei dois fragmentos textuais, em meu computador, que ensaiavam a minha pretensão para lhe escrever, eu estava claramente em estado de uma exaustão esperançosa. Veja:

Já foi junho de 2022, professora Ana.

É uma terça-feira. Hoje o dia está mais nublado no Tucuruvi, São Paulo! Junho costuma ser cru e melancólico. 2022 é um ordinário caco de vidro em meus pés. A(s) pandemia(s) não nos dá/dão paz. Um certo ar, não apenas poluído, mas inóspito e corriqueiro, nos últimos tempos, circula em cada esquina. A fome ressurgiu, em estado bárbaro, para os mais pobres. Cotidianamente, a inflação furta a comida daqueles que ainda podem pagar por ela. Na grande São Paulo, o número de moradores de rua expandiu

visivelmente, ampliando também o trabalho do padre pedagogo, Júlio Lancellotti. Faz duas mil e trezentas décadas que 01 de janeiro de 2019 existe e insiste, em forma de aberração. É uma fase da história brasileira extremamente “estromofética”, palavra lindamente inventada por Lourdes, minha mãe, imagine o que ela quer dizer.

Estou cansada. Não consigo narrar.

É dezembro de 2022, professora Ana.

O tempo se movimentou. É dezembro de 2022! Vivo um sábado ensolarado que acolhe os cantos dos pássaros no céu azul, branco e acinzentado: em São Paulo? Sim. 01 de janeiro de 2019, que parecia permanente quando escrevi as palavras do fragmento textual acima, vai acabar (ainda que provisoriamente) a partir de 01 de janeiro de 2023. Luiz Inácio Lula da Silva será, novamente, presidente do povo brasileiro. Lembro deste homem, ainda criança, quando meu pai me levou em um comício do Partido dos Trabalhadores, em Hortolândia, São Paulo, e ali eu entendi que estava à frente de uma figura histórica. Logo de pequena, já aprendi que era pobre e que a vida não estava dada para mim, em seus modos concretos de existência. Assim, como milhões de brasileiros e brasileiras.

Mas, agora um tímido brilho no olhar quer ser um futuro.

Parece que não é verdade que um novo ano, um ano novo de verdade, desponta. Parece que uma luz bem grande e acolhedora nos afasta de uma atmosfera de barbárie, por enquanto. Uma trégua se faz presente, enfim!

Talvez consiga descansar alguns dias.

Minha intenção, quando escrevi estes fragmentos, era tão somente compreender as emoções que

circulavam dentro de mim, pois já havia mais de sete anos que não lhe visitava em minha imaginação assim: de uma forma tão avassaladora. Mas, o período de anos entre 2019 e 2022 foram fundamentais para eu compreender melhor a classe trabalhadora, Ana, isso porque o tempo vivido foi esclarecedor. Entretanto, não vou me estender sobre esse tema agora. Essa carta primeira foi tão somente para me aproximar de você.

Desejo que esteja bem.

Um abraço,

Adriana Alves F. Costa

São Paulo, verão de 2023.

Carta II

De: Di
Para: Lourdes



É junho para sempre, Lourdes.

*É tão difícil olhar o mundo e ver o que
ainda existe, pois sem você meu mundo é
diferente. Minha alegria é triste*

(Roberto Carlos e Erasmo Carlos).

Meus pés pareciam flutuar pelo chão de Campinas, São Paulo. Você morreu no dia 12 de agosto de 2018. A desilusão, a diabetes e o câncer ceifaram a sua existência. Porque você não teimou em aprender a ler e escrever? Por que você viveu tanto tempo em um relacionamento opressivo? Com você, mãe, quero falar sobre amor e alfabetização.

Não nos foi permitido debater sobre o amor como algo que orienta a nossa existência. Violentemente, às mulheres foi delegado o papel do sentir, um sentir supostamente desprovido de importância, um sentir preterido, pequeno e controlado em seu mais genuíno sentido: a liberdade.

Pois é, um sentir sempre regulado, ao longo da história: o quê, quem, quando amar? Esse comando nos foi ordenado porque o amor expõe tudo o que podemos

aprender e ser. Amando, descobrimos que agimos de formas nunca cogitadas por nós. Amando, experienciamos nossas loucuras e desejos mais ocultos. Amando, experimentamos a estabilidade e a descoberta da contradição desse sentimento. Amando, descobrimos o quê, quem e quando não amar. Amando, conhecemos os buracos fundos e escuros da ausência do amor. Amando, interpretamos os perdões do ato de amar. Amando, compreendemos o amor como possíveis nascimentos, esquecimentos e mortes. Amando, interpretamos o trabalho e a leveza do exercício do amor. Amando, aprendemos a existir e interferir no mundo. Ou não. Ou não aprendemos nada e apenas sentimos. Ou não, para qualquer afirmação sobre o que é amar.

Por vezes, acreditamos que amor possa ser uma espécie de demasiada concessão muito perigosa, na qual avistamos os retratos dos abismos de nós mesmas. Nos tornamos tão vulneráveis, tão cansadas, que viver – um dia por vez – já significa alguma sobrevivência. Falhamos, Lourdes, quando confundimos amor com subserviência, com desejos ignorados face ao aviso da nossa ancestral intuição, com minguados gestos de atenção. Podemos fraquejar quando não atribuímos relevância às escolhas sensíveis: aquelas que orientam a nossa vida. Mas, o mais grave para mim é que, diante da escassez de relações ensinantes com o que, equivocadamente, seja o amor, não aprendemos a nos defender como mulheres. Não foi amor, mãe! Foi uma fadiga existencial na maior parte do tempo. Contudo, o que adianta pensar sobre isso agora? Meus conselhos benjaminianos são, hoje, memórias.

Lourdes, minha querida Lurdinha, entendo que a sua forma de amar, mais articulada, aconteceu por meio da maternidade, como fez sua mãe, a indecifrável velha vó Celeste. Então, falemos de modo comedido sobre ela. Celeste foi uma mulher-baiana-pobre que trabalhou como empregada doméstica em casas de grandes fazendas, especialmente no estado do Paraná. As narrativas, contadas por outras mulheres da sua família, falam de episódios de abusos sexuais praticados por fazendeiros, os chamados patrões que pagavam (exploravam) uma miséria pelo seu trabalho na casa. Onde estaria a sororidade, nesta versão da história? Talvez não exista, talvez estaria tácita aos olhos dessa autora. Onde estaria a menção e a compreensão da condição concreta de existência dessa trabalhadora? Um fato é que por volta de 1945, Celeste migrou da Bahia (dizem que a partir da pequena Riacho de Santana) para o Paraná e depois para o estado de São Paulo. Aprendi com Silva (2015), outra mulher, que a vó Celeste foi uma mulher colona? O colonato explorou gerações inteiras por volta das últimas décadas do século XIX. Esse contexto impele outras versões da sua história, que é também minha e de tantas outras mulheres no Brasil.

Tal entendimento permitiu me relacionar de modo diferente com as memórias das narrativas que ouvi quando criança: essa versão da presentificação do meu passado evidencia uma outra forma de apropriação das recordações que tenho. Parece-me que o significado de *Erinnerung*, tratado por Benjamim (2017), agora se configura em estado de aparição. Ocupo um lugar de apoderamento de uma imagem, acompanhada pelo

reconhecimento desse prelúdio, como uma tentativa de rompimento da instrumentalização da classe social e cultural a qual me reconheço. Vejo-me em um constante jogo de resistência de lida com as minhas memórias, tão colonizadas, e reajo, não unicamente, ao colonato que existiu na história das mulheres trabalhadoras da minha família: avó, mãe e tias, mas também àquele que teceu a historicidade de todas as oprimidas (ou não).

Voltemos para você, Lurdinha, já considerando essa herança colonata que te formou como mulher trabalhadora rural e, mais tarde, como operária, na cidade de Campinas/São Paulo. Compreensão esclarecedora que favorece o rememorar da imagem do seu corpo com feridas que nunca curavam, fruto dos produtos tóxicos que manuseou durante anos em uma fábrica de chapéus de couro: chapéus cury. Fábrica que, recentemente, foi demolida e abriu espaço, para a construção de um prédio comercial e residencial, no processo de modernização da arquitetura da paisagem campineira... Pois é, minha mãe, “eu te vejo sumir por aí. Te avisei que a cidade era um vão”⁴.

⁴ Trecho da canção intitulada “As vitrines”, de Chico Buarque.



E, para cooperar com o sustento da família, você trabalhou muito. Me lembro das suas andanças pelos bairros para vender bijouterias, catálogos com produtos de beleza e roupas que ia comprar no centro da cidade de São Paulo, na região do Brás, para revender. Lembro também, das vezes, em que você vendia galinha, morta e limpa, nas ruas de um bairro muito distante de onde nós morávamos, Jardim Amanda. Quando criança, eu sentia vergonha e raiva de ser pobre. Autocentrada, eu queria que você soubesse ler e escrever para me ajudar com as tarefas da escola. Me perdoa. Só por meio da tela morta e azul deste computador o pedido, consciente e elaborado, me foi possível, agora. Minhas ações implicadas, durante a vida, absorveram muitas culpas. Você retrata a história de milhares de mulheres trabalhadoras analfabetas no Brasil, no qual o índice de analfabetismo entre mulheres somente foi maior do que

dos homens, a partir de 1990, de acordo com Rosemberg (2016). Todos os movimentos, descontínuos e insuficientes, de implementação das políticas públicas destinadas às pessoas analfabetas, neste país, não se aproximaram suficientemente de você. Formei a professora alfabetizadora mais sabida possível que eu consegui ser, esperando seu aprendizado. Formei como doutora em Educação, em Educação de Jovens e Adultos, em uma universidade de excelência. Estudei em universidades bem conceituadas na Europa. E falhei quando não consegui te alfabetizar. Comigo, falhou a história. Entretanto, a história também falhou com a gente, mãe.

Minha tentativa, de “escovar a história a contrapelo”⁵, foi estudar os fundamentos freireanos que orientam a “educação como prática da liberdade” e que é tão bem definida pelas/nas palavras de hooks (2017), como “[...] um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (p. 25). Essa é a pedagogia que me conduz e que me persegue hoje em cada canto da universidade na qual trabalho, ao rememorar você, mãe. A pedagogia que temos pressupõe a presença de um alunado em uma sala de aula, mas não acolhe, em sua estrutura e de verdade, pessoas como você que não chegaram até a escola ou então aquelas que passaram, efemeramente, por ela. Ainda não nos remetemos às políticas públicas de educação como uma pedagogia, um tanto mais complexa e ampla. E, claro, os diversos espaços de vida

⁵ (Benjamin, 2017, p. 13).

precisam educar: um bairro, uma cidade, um estado, um país precisam pensar e implementar suas pedagogias.

Mas, em um dos meus campos de estudo, a didática, eu diria que você está presente em um importante pressuposto “considerar a cultura que os educandos trazem para o ambiente educativo”, educadoras e educadores, em formação, estudam esse princípio nas licenciaturas, o que me faz pensar que na EJA, essa premissa é virtuosa para as/os docentes que desejam olhar nos olhos das/dos estudantes e enxergar uma ancestralidade, uma classe social, um conjunto de histórias outras para contar. As histórias dos vencidos e vencidas. Como a mulher professora que atua nesta modalidade se reconhece diante das mulheres estudantes que frequentam as salas de EJA? É preciso perguntar. Mulheres da classe trabalhadora, em alguma medida, se educam conjuntamente e se curam como podem. E lutam pela existência feminina em e por espaços mais democráticos, corajosamente.

Talvez, mãe, na condição de mulher trabalhadora analfabeta você tenha se curado através de mim, desde quando me ensinava a ser zelosa, com as atividades escolares, durante a infância. Você me ensinou a gostar da escola. Você me ensinou a amar os estudos até o fim da sua vida. Ensinou-me pela constância da presença e do apoio nos momentos mais desafiadores: mesmo já adulta, no primeiro ano de curso do Mestrado na UNICAMP, toda semana você me acompanhava até a universidade; enquanto eu participava das aulas, você me aguardava sob as sombras das árvores da Faculdade de Educação, para retornarmos à Hortolândia, pois eu

não sentia segurança para dirigir. Até hoje, quando passo por ali, te vejo sorrindo e sentada no banco, como se estivesse cuidando de mim.

Mãe, durante quase toda a minha vida, acreditei que fui eu quem rompeu com o ciclo de analfabetismo das mulheres da família (acumulado através da vó Celeste e depois por você), mas não: quem desfez a perversa alienação foi você! Sim, você é o lado mais resistente dessa história, porque me libertou de ser uma mulher analfabeta, quando cuidou de mim e me ensinou a amar os estudos. Essa é a parte mais feliz da minha vida! Não é um episódio em si, mas é o que há de mais visceral em mim, só pode ser felicidade.

Amor e alfabetização são temas íntimos, mãe. Dizem respeito à nossa identidade e à nossa liberdade. Referencio os quatorze anos nos quais atuei como educadora, em escolas públicas no estado de São Paulo. Quanto mais as mulheres estudavam, mais se emancipavam das violências que viviam. A educação, na condição de bem público e comum, é uma forma de exercer a nossa liberdade! Sim, pessoas carregam suas condições sócio-históricas. Muitas alfabetizadoras, na Educação de Jovens e Adultos, ainda hoje, no Brasil, são constituídas historicamente por mulheres analfabetas. Em nossos retratos, como educadoras nesta modalidade, estão as imagens dessas mulheres analfabetas que leram o mundo. A amorosidade que nos compõe é tecida tensamente entre gerações, embora ela pareça ser invisível em nosso cotidiano.

Se durante muito tempo eu entendia a alfabetização como uma conquista social e cultural de um povo, um

conceito heterogêneo e, à primeira vista, concreto para mim, hoje, eu a compreendo, especialmente por sua causa mãe, como uma luta por um direito humano de todas as pessoas, especialmente os grupos sociais mais oprimidos ao longo da história. Em outras palavras, em meu processo de remodelação conceitual, a alfabetização passou a corporificar as camadas sociais mais sofridas pela desigualdade social, econômica e educacional, tendo como mote, um modelo mais democrático de sociedade. Com os autores e autoras que li, aprendi o significado do conceito, mas com você entendi, profundamente, o sentido. Talvez meu pensamento esteja mais descolonizado hoje.

Vou me despedir, agora, dessa escrita, mãe. Só palestrei? Estou tentando te ouvir melhor, mas ainda não consigo. Sou tão inacabada. Não choro mais todos os dias, apenas “vivo sonhando, imaginando você, imagino pegadas, e as vou seguindo⁶”. Anunciei às leitoras e leitores que narraria um tanto mais sobre os trajetos de formação da professora alfabetizadora, pelas histórias de mais outra mulher.

Adeus, de novo, de novo não.

Sua filha, Di.

Adriana Alves F. Costa

⁶ Trecho da música intitulada “Tolices”, de Edgard Scandurra.

Carta III



De: Adriana
Para: Rosaura

Ainda é junho de 2022, Rosaura, apesar da chegada de dezembro.

Querida amiga, “hoje a minha inspiração se ligou em você”⁷. Durante uns bons tempos, me acusei da minha constante ausência em nossa amizade, depois entendi que estava sempre comigo, tão presente em forma de uma afável companhia. Sigo a vida assim, com a leveza dessa falta que me ocupa.

Mas, apesar de junho e, apesar de termos vivido duas mil e trezentas décadas, nos últimos quatro anos, digo: “tempo tempo tempo tempo tempo entro num acordo contigo”⁸, volto ao propósito deste texto. Quero falar com você sobre a relevância do que aprendi sobre formação docente, já faz um tempo que desejava essa conversa, especialmente na forma de uma carta. Quase tudo o que vou dizer a seguir já é sabido por você, certamente. Meu esforço é corporificar a partilha e, quem sabe, dialogarmos mais?

Como sabe, em 1998, na cidade de Hortolândia/São Paulo, eu era uma alfabetizadora iniciante e, na época,

⁷ Trecho da música intitulada “A amizade”, de Cleber Bastos, Falcão Djalma e Marco Antônio Dantas de Lima.

⁸ Trecho da canção intitulada “Oração ao tempo”, de Caetano Veloso.

todos os saberes da profissão se apresentavam a mim não apenas como incipientes, mas insuficientemente acessíveis, diferente de como são nos dias de hoje. Compreendo que o que aprendi de importante, naquela primeira década de exercício da docência, foi através (e com) de você, querida amiga. Primeiro, por intermédio do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), no início dos anos 2000, quando tal programa chegou às redes municipais de ensino no país, dialogando sobre a didática da alfabetização. Entretanto, anterior e, por vezes, concomitantemente ao PROFA, estudávamos os textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Digo estudávamos por duas razões: a primeira é porque, de fato, havia essa necessidade e ação, tanto nos horários de trabalho docente coletivo, no interior das unidades escolares, quanto por intermédio dos encontros sistemáticos ofertados pelos centros de formação de professores, presentes em algumas redes de ensino; a segunda é porque eu vivia um momento de atuação em duas frentes, como docente e como formadora. Portanto, as imagens das memórias que se apresentam a mim, hoje, são de experiências intensas, entrelaçadas e emergentes, pois havia (e ainda hoje há!) uma clara urgência em debater, mais precisamente, didáticas que refletissem sobre os processos de se tornar leitor e escritor, de apropriação da língua, da cultura do mundo escrito.

Foi naquela época (há 20 anos atrás!) e com esse modelo experienciado, como docente e como formadora, que compreendi a relevância da formação ajustada às reais necessidades das educandas e educandos e das professoras e professores. Somos trabalhadoras e

trabalhadores da educação imbuídos de uma demanda permanente: debater o nosso trabalho em um ambiente que nos permita refletir, democraticamente, sobre a nossas práxis. Poucas vezes conseguimos, não é? Há sempre um conjunto de relatórios a produzir, um tanto de reuniões a comparecer, num movimento de sucessivas demandas carregadas de cansaços e desvalorização social da profissão. Então, a logística de funcionamento e de capilaridade do PROFA foi sensata e legítima: formou formadores, professores e estudantes. Foi uma escola, em sua justificativa mais plena de existência, formar pessoas com conhecimentos necessários e relevantes para a vida em sociedade. Talvez tenha fomentado importantes aprendizados para e em muitas redes de ensino, no que tange a pensar e implementar políticas de formação continuada docente de modo mais sistemático, contextual e comprometido com os saberes que as pessoas possuem, para então construir conhecimentos mais ligados às práticas sociais, isto é, ao que se vive. Como você mesma diz, a partir da minha leitura escrevo: “quanto mais próxima a escola estiver do que se faz na vida, mais as pessoas aprendem com sentido”.

Rosaura, os aprendizados que desenvolvi com esse programa orientam minha docência, até hoje, na universidade: seja atuando em programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), ou como o RP (Residência Pedagógica), seja em minhas aulas em que leciono as disciplinas: Didática e Tópicos Especiais em Educação de Jovens e Adultos,

bem como nas atividades de gestão, pesquisa, extensão e orientação.

Visualizo uma imagem de saberes que se deslocam nos tempos e nos diversos espaços educativos de vida, na relação com a pluralidade de trajetos contínuos da formação. Entretanto, já me perguntei como esse conjunto de experiências reverberam em minhas configurações docentes, atualmente como professora na educação superior, formando outros professores e professoras que possivelmente atuarão na EJA ou em outras modalidades educativas.

Uma resposta possível para o que tenho interrogado, com frequência, ao analisar as minhas narrativas de formação, é que ter vivido a experiência de professora e de formadora, ainda nos tempos de atuação na Educação Básica, hoje me possibilita trabalhar com a formação inicial de forma *mais profundamente contextualizada*. Na Educação de Jovens e Adultos, há que considerar um conjunto de lições que parece possuir relações importantes com as compreensões sobre a formação dos trajetos formativos das educadoras e dos educadores que estão na EJA. Eis minhas sistematizações a seguir.

O entendimento das identidades socioeducacionais das pessoas que estão, nesta modalidade, é elemento imprescindível para a construção de boas formas de *ensinareaprendereensinar*. Estas aprendidas, evidentemente, com e no coletivo docente e discente, em um movimento contínuo de compromisso com o trabalho de acompanhamento dos processos de aprendizados desenvolvidos pelos e com os estudantes.

Na Educação de Jovens e Adultos, essa premissa é valiosa, tanto quanto nas demais modalidades, porque ela constitui a educação do povo, em tempo de urgência, dadas as sucessivas rupturas de acesso ao direito de existir com dignidade e igualdade. Uma parte significativa da totalidade do exercício de *ensinareaprendereensinar* se materializa quando os estudantes aprendem.

E...

Sim, os fundamentos que sustentam a formação continuada docente, no campo da EJA, não se distanciam – substancialmente – das principais bases que orientam as demais modalidades, já que a educação brasileira tem se configurado, ao longo da história, como um movimento tenso de construção por uma oferta pública, laica, democrática, inclusiva e de qualidade. Ainda assim, vale destacar alguns elementos que são caros para a EJA. São eles: a práxis como dado de formação constante; o trabalho coletivo e contextual como fundamento que sustenta os achados, os estudos, as reflexões e as pesquisas produzidas pelas professoras e professores; o registro do que se faz e do que se pensa no interior da ação pedagógica como forma de construir conhecimentos e saberes da profissão; além da primordialidade da valorização da carreira e de boas condições de exercício do trabalho.

Sim, em diálogo com Vaccarezza e Soares (2021), compreendo que há um conjunto de pesquisas no campo que nos apresentam um acúmulo de discussões e que nos indicam considerar: a) a existência de uma constante urgência sócio-histórica (legítima!) da aprendizagem

dos estudantes da EJA; b) uma certa permanência de exclusão da modalidade na construção e implementação de políticas de educação ao longo da história; c) a necessidade de real superação do modelo (efêmero e com insuficientes conhecimentos sobre os fundamentos de aprendizagem) de oferta da alfabetização e de políticas públicas de educação destinadas às pessoas jovens, adultas e velhas; d) a relevância de produção de uma escola pública, democrática, inclusiva, plural e acolhedora em consonância com espaços diversos educativos da vida cujos fundamentos considerem as especificidades das pessoas que frequentam a modalidade; e) a demanda da formação docente, tendo como centralidade, a consideração da oferta de formatos diversificados de produção de saberes da profissão, em um projeto contínuo e permanente, orientado para o desenvolvimento de conhecimentos singulares que permitam prospectar as possíveis identidades daqueles que são educadores e educadoras na modalidade.

Sim, a formação docente precisa ter a relação com a comunidade e ter a vida como centro da formação (Vaccarezza; Soares, 2021), além disso, a formação inicial não deve se constituir como uma oferta pontual nos currículos das licenciaturas, mas, marcadamente prioritária na graduação e na pós-graduação.

Sim, a EJA precisa ser prioridade educacional no Brasil, uma vez que nos reportamos à educação do povo, às camadas populares, sendo o direito humano de aprender (Gadotti, 2013), e, portanto, uma forma de reparação de uma dívida social sócio-histórica (Brasil, 2000), já que o direito à educação é um elemento que

compõe a nossa humanização e promove acesso a outros direitos e a outras práticas sociais, especialmente, em uma sociedade grafocêntrica. O tempo presente da EJA é urgente, em especial quando partimos do pressuposto que, no Brasil, existe um contingente de 39 milhões de pessoas, com idade entre 16 e 70 anos que não possuem o ensino fundamental completo, e se considerarmos a população que também não possui ensino médio completo, igualmente com idade entre 16 e 70 anos, então, temos um contingente de 57 milhões de pessoas (Santos *et al.*, 2023). Portanto, são 121 milhões de pessoas fora da escola.

Então, Rosaura, como você sabe, a EJA compõe um dos elementos imprescindíveis para o desenvolvimento do nosso país e são tantas EJAs! Tantas urgências constituem a modalidade! As celeridades que perpassam meus pensamentos são mais contundentes quando reflito sobre o quanto as demandas da sociedade do futuro próximo são laboriosas para os docentes, que se formarão, nos próximos tempos. Se o futuro, não tão distante, violentamente nos anuncia a ampliação da automatização do trabalho, o aumento do empobrecimento do contingente populacional no mundo, o avanço (ainda mais robusto) das formas digitais de comunicação e de resolução dos problemas civis da vida, os modelos didáticos de *ensinaraprenderensinar* deverão ser imprescindivelmente inclusivos.

E quando pensamos na ampliação da escassez de alimentos para todas as pessoas no mundo? Enxergo as pessoas, com insuficiente escolarização, cada vez mais vulneráveis. Como imaginar futuros, minha querida amiga? Como vincular a formação docente, inicial e continuada, às demandas socioeducacionais e

ambientais deste futuro, que tanto desejamos que seja menos desigual e possível de se viver para todas as pessoas? Um tempo presente tão urgente e imprevisível.

Entendo que não mais podemos nos arriscar ao entendimento da formação humana desintegrada da relação com a terra. Especialmente, os excluídos que são os que menos prejudicam a Terra.

Essa humanidade que não reconhece aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra (Krenak, 2019, p. 48).

Uma visão de concepção sócio-histórica de formação nos possibilita pensar uma certa “doutrina das semelhanças⁹” entre nossas linguagens e composições como um dos povos do universo, por isso, a Educação de Jovens e Adultos não pode ser furtada de uma educação que a faça reconhecer como parte de uma cultura integrada, não apenas à humanidade, mas ao mundo.

Apesar de ponderar a evolução histórica dos processos de escolarização da classe trabalhadora, no Brasil, a lentidão em democratizar a Educação Básica e as disputas por projetos de sociedade contornam os

⁹ Refiro-me ao texto intitulado “Doutrina das Semelhanças”, de Walter Benjamin. In: BENJAMIM, Walter. *Linguagem tradução literatura*. Porto Editora, 2015.

acessos ao direito humano à educação por parte das camadas mais empobrecidas da sociedade.

Só mesmo uma pausa pode me revigorar agora. Com ela, guardo a sua imagem, querida amiga, principalmente a que me encorajou a pensar sobre mim pela escrita, há tantos tempos atrás, por meio das desamorosas¹⁰. Dentre tantas pessoas relevantes, em minha trajetória de formação, eu me reporto à você, porque me ensinou o ato mais revolucionário, depois do amor aos estudos ensinado por minha mãe, a coragem para escrever o que sinto e penso. Sim, a coragem para escrever. É como se, em uma linha ancestral do tempo, você me formasse, unicamente pela sua forma de existir. Sua existência convoca as pessoas à escrita. E você sempre diz “Isso vai fazer bem para a sua formação?”, “Amor só em atos”, “O professor mora em uma pessoa”...

A coragem de escrever, por sua vez, me ensinou a recomençar tudo, quando possível e necessário:

Você mostrou pra mim
Onde encontrar assim
Mais de um milhão
De motivos pra sonhar, enfim
E é tão gostoso ter
Os pés no chão e ver
Que o melhor da vida
Vai começar.
(O melhor da vida vai começar, Guilherme Arantes)

¹⁰ Um conjunto de textos organizados por Rosaura Soligo. Material disponível em: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2022/04/22/desamorosas/>

Escrever é sempre um ato de coragem ao recomeço. Permito-me associar esse ato a uma imagem recente da nossa amizade, no dia da comemoração do nosso aniversário (eu, você e Adriana Pierini), na fotografia:



Imagem da comemoração dos nossos aniversários, em dezembro de 2023, na cidade de Campinas, São Paulo.

Fonte: Acervo da autora.

Naquele dia, enxerguei uma cadeia simbólica ao meu redor: as cores azul e branco de Iemanjá nos abraçando. Agradei. Eu fechei os olhos só para sentir (sem a interferência das imagens que poderiam distrair o meu pensamento); um abraço espontâneo e alegre entre mulheres em um antigo terreiro (hoje bar que se chama *Escuta o Cheiro*). É, amiga Rosaura, amizade, trabalho e vida são misturados para nós, assim como os

princípios por uma educação mais ajustada às reais necessidades das pessoas, por um mundo mais socialmente justo e humano.

Com jeito de despedida, temo não ter rememorado o conteúdo mais relevante que gostaria de ter abordado nesta carta (uma emoção constante em mim), mas certamente você conversará comigo ao ler esses escritos. O destaque é para lhe dizer que, quando reúno o que aprendi no PROFA, com as reflexões do meu percurso de formação, já na universidade, identifico um fio temporal contínuo de conteúdos de formação que me permite, com atenção e cuidado, aprimorar modelos didáticos mais inclusivos em meu cotidiano como professora da/na classe trabalhadora. Um legado que você deixou em mim.

Até já, querida amiga.

Adriana Alves F. Costa

Carta IV

De: Adriana
Para: Ana



É setembro de 2023, Ana, a primavera chegou.

*Sol de primavera
Abre as janelas do meu peito
A lição sabemos de cor
Só nos resta aprender*

(Ronaldo Bastos e Alberto de Castro Guedes)

Ana, as palavras iniciais desta carta referem-se a setembro, mas foi em agosto de 2014, que você ingressou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus Seropédica*, como docente, para trabalhar com o seguinte campo de conhecimento: Educação de Jovens e Adultos, Trabalho e Educação. Com você, chegou uma história. Com você, chegaram Lourdes, Rosauras, Celestes, professoras e professores e tantas outras pessoas. Você chegou com a classe a qual pertence, a classe trabalhadora. Quais histórias chegaram?

Conta, Ana. Conte mais sobre o percurso que te fez ser quem você é, até agosto de 2014. Narre-se, hoje, na UFRRJ. Talvez, o tempo da reflexão e da escrita te mobilize para entender como os percursos de formação

são tão constantes, coletivos e singulares, diante das contingências da vida.

A quase totalidade da sua formação e atuação profissional aconteceu na rede pública de ensino. A escola pública te formou desde os primeiros anos escolares de formação e de trabalho. Importante dizer a relevância da presença da educação pública na formação da classe trabalhadora, pois é ela que forma o povo e que, em muitos momentos, assegura a única refeição de que alguém se alimentará naquele dia. A escola pública é muito mais do que o lugar onde estudamos, muito mais. Isso, você, Ana, aprendeu na pele. Talvez, por isso, a escola lhe é tão cara e vital.

Lembro de você ainda jovem, em 1998, na cidade de Campinas/São Paulo, quando concluiu o antigo curso de magistério no CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). O CEFAM foi um marco formativo em sua existência porque, com a bolsa de um salário-mínimo que recebia, era possível ajudar em casa e estudar. Era possível ser estudante, como os demais jovens da classe média e rica, no Brasil. Com o conjunto de fundamentos críticos e profundos que aprendeu, se tornou factível a formação e, depois, a atuação da docente e formadora de professores nas redes municipais de ensino de Hortolândia e, depois, de Paulínia, ambos municípios que compõem a região metropolitana de Campinas.

Compreendo hoje que a docência não foi, para ti, uma opção casual, foi uma decisão consciente, uma profissão com a qual você almejava mudar o mundo (ainda que romanticamente na época), em uma sociedade mais justa e

igualitária. Nos tornamos professoras na relação com o mundo, como diz Paulo Freire.

Sua história também sempre esteve muito ligada ao percurso histórico da cidade onde morei uma parte da vida. Foi morar em Hortolândia ainda criança, quando era um distrito de Sumaré, mas com o decorrer do tempo emancipou-se, sendo atualmente considerada um município novo, com 32 anos de existência. Para se ter uma ideia, em 1998, ano que ingressou na rede municipal de ensino, a cidade tinha apenas sete anos de vida, pois tinha recém passado pelo processo de emancipação. Parece que você também é, em alguma medida, resultado dessa transformação do território no qual viveu tanto tempo, não é?

Lembra o Jardim Adelaide, bairro onde morava, no qual havia uma porteira que seu pai atravessava para andar alguns quilômetros para chegar até a pista para, então, só assim pegar a condução para o trabalho? Você cresceu brincando na rua de terra batida, fazendo casinhas, pulando em galhos de árvores, exerceu o direito à infância, ainda que tendo de cumprir os compromissos de limpeza da casa e cuidado com as irmãs mais novas, em diversos momentos.

Seus pais (já falecidos) pouco frequentaram a escola, sua mãe não era “das letras”, ela as conheceu de maneira informal, através do contato com o mundo e com a sua intervenção, em momentos descontínuos. Contudo, Lurdinha te ensinou o significado do zelo pela escola e pelos materiais escolares. Mais do que isso, te ensinou o gosto pela leitura, você lia muito, tudo o que via pela frente: livros infantis, folhetos, Bíblia, livro

didático... Pegava-os emprestados de amigos, outros, buscava na escola, mas o mais especial, que ficou em sua memória, foi *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, porque foi o primeiro livro que ganhou do seu pai. Um presente que representou, para além de um carinho, a possibilidade de admirar as letras.

Com o direito à infância preservado e com acesso à escola pública e principalmente com a orientação constante da sua mãe, a sua relação com a escrita e leitura constituiu a sua vida pessoal e profissional. Ouso mais: seu engajamento nas atividades nas comunidades eclesiais de base, participando de grupos de jovens, de encontros de formação diversos, permitiu a você desenvolver uma consciência mais crítica e humana, hoje fundamental para você viver de uma maneira menos consumista, mais ajustada à noção de uma vida mais plena e justa para todas as pessoas.

Múltiplos espaços de vida e pessoas te formaram, Ana. Voltemos à docência? Não paramos de falar sobre ela, claro.

Em 2001, você se afastou da sala de aula para trabalhar na Oficina Técnico-Pedagógica (hoje nomeado Centro de Formação de Professores Paulo Freire), um espaço que foi criado na rede municipal de ensino de Hortolândia para desenvolver atividades com a formação continuada docente. Havia diversos projetos de diferentes naturezas, para que os professores tivessem apoio para explorar as temáticas em classe, e outros projetos que previam a frequência da criança em horário oposto ao que ela estudava, pois a intenção era, aos poucos, implantar ensino integral, possibilitando

mais horas de atividades dentro da escola, favorecendo, principalmente, os bairros mais pobres, onde as crianças não tinham outra atividade que não fosse a ofertada pela unidade escolar.

Em 2004, você ingressou como professora da EJA na rede municipal de Paulínia, cidade próxima à Hortolândia. Trabalhava, portanto, nas duas redes municipais, com dupla jornada, como muitas professoras e professores brasileiros. Durante o dia, com a formação docente e, à noite, como professora alfabetizadora da EJA. Ambos os papéis foram lhe constituindo como *professoraformadora*. Como tal, viveu lugares de professora e, no lugar de professora, viveu lugares de professora-formadora, lugares de aprendizagem, que foram múltiplos, eu sei, mas foi principalmente na relação entre/com eles que a sua formação aconteceu.

No lugar de professora da EJA, buscava formas de seduzir e possibilitar uma aprendizagem significativa aos alunos, uma aprendizagem que favorecesse, num primeiro momento, alguma alteração em seu cotidiano, entender documentos do dia a dia (extrato bancário, cheque, boletos de pagamento, código do consumidor etc.). A aprendizagem deveria estar voltada também ao diálogo, à criticidade e à leitura do mundo, como bem nos ressalta Paulo Freire em muitos escritos. E, claro, a aprendizagem não era entendida por você como um processo de transmissão no qual um sabe mais e explica o que tem que ser aprendido ao outro (supostamente desvalido de conhecimentos e saberes). A esse outro, por sua vez, só resta consumir, passivamente, o que é

ensinado a ele. Nem tampouco, a formação não era concebida por você como um movimento instrumental, homogêneo, desconectado de intencionalidade de um projeto de sociedade. Tais princípios foram sabiamente aprendidos no CEFAM e, mais tarde, na UNICAMP.

Sua entrada no mestrado na UNICAMP e, em especial, no GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada), em 2004, foi um outro marco em sua história de vida, porque significou aprendizagens relacionadas à pesquisa, à escrita, à convivência com outras pessoas, à participação em eventos promovidos pela faculdade (palestras, seminários, fóruns...) e, também, à participação com apresentação em congressos, tanto na UNICAMP, quanto em lugares outros.

Com os aprendizados do Mestrado, aprendeu que era preciso desenvolver ações de formação na/com/para a escola. Concepções que orientam o posicionamento do GEPEC e que te formaram decisivamente. O Mestrado também transformou a sua relação com os professores da rede, bem como com os *professores formadores* com os quais você trabalhava, pois buscava compartilhar tudo que aprendia: você falava dos autores que lia, compartilhava as discussões das quais participava no grupo de pesquisa e nas disciplinas que cursava e, de certo modo, envolvia as demais pessoas que conviviam com você.

Penso que outro ponto também importante foi a investigação do seu tema de pesquisa (o trabalho coletivo docente). Estudá-lo, possibilitou-lhe compreender a força das ações sistematizadas e das parcerias construídas coletivamente, portanto, você entendeu que há uma potencialidade que favorece o modo de nos enxergarmos

como profissionais e, inclusive, em nossas ações em sala de aula, seja de qual natureza for: as relações interpessoais, a didática e o espaço físico. Mas penso, principalmente, que você também se transformou como pessoa em razão da diversidade de experiências outras vividas: porque retomou a necessidade e a vontade de aprender outro idioma (um desejo desde a infância), aprendeu a gostar de escrever, aprendeu a valorizar os aprendizados de uma viagem, compreendeu a potência da pesquisa para seu aprendizado como profissional da Educação, se interessou mais por congressos, inclusive, para partilhar seu trabalho, através de comunicações, pôsteres, participação em mesas redondas etc. Uma professora que pesquisava mais se fez, não apenas na universidade, mas em diálogo com os distintos espaços nos quais existia.

Em 2008, ano em que ingressou no Doutorado também na UNICAMP, o Brasil era governado, pela segunda vez, por Luiz Inácio Lula da Silva e, nesse tempo, as políticas de expansão da universidade pública se consolidavam. Com isso, o acesso às bolsas de estudo foi um pouco mais democratizado, aspecto que lhe favoreceu cursar Doutorado com bolsa sanduíche na Universidade de Lisboa, sob o acolhimento e orientação do Professor Doutor, Rui Fernando de Matos Saraiva Canário.

Em cinco meses, vivendo em território lusitano, algo aconteceu com você (até hoje não sabe explicar, não é?), mas parece que uma outra realidade lhe afrontou intimamente. O que seria aquilo acontecendo tudo junto? A experiência de estar em outro país. O contato com diferentes concepções de investigação. A produção

de conhecimento a respeito da temática que estudou. A estética do lugar. Os museus. Culturas. Mundo outro, continente diferente. Condição de estudo para produção de pesquisa diferente, tendo vida de estudante. Professores outros. Outras pessoas. Leituras. Pensar a pesquisa. Escrever. Problematicar o que pensava. Dialogar e pensar por escrito...

Foi um conjunto de experiências que te alteraram como professora, investigadora e também como gente? Sim. A experiência de estagiar em outro país desenvolveu, em você, o aumento da sensibilização no modo de ver e de se relacionar com o mundo. Entendeu que o aprendizado advindo da pesquisa se estende para outras dimensões da vida e, o exercício que fazemos quando produzimos uma investigação (identificar, analisar, observar, relacionar, problematicar, sistematizar) constitui o pesquisador, a pesquisadora por inteiro. De tudo que viveu naquele momento, talvez tenha ficado em você um certo refinamento, como se fosse uma transformação que se reporta para um outro jeito de se entender e se posicionar no mundo como pessoa. Não subestimemos o poder formativo dos territórios, Ana, eles nos educam imensamente e nos ensinaram como somos colonizados (ainda hoje o somos) e também como seu país aprendeu a colonizar outros povos.

Em continuidade à história que conto, Ana, acredito que é preciso dizer a você que, ao final deste período, a imagem da menina, que nasceu em Campinas e da professora que trabalhava em duas redes de ensino, parecia cada vez mais longínqua, desbotada e, talvez,

reprimida. De fato, com 33 anos de idade e com tantas experiências profissionais e pessoais vividas, você foi modificada genuinamente neste período. Você se separou de uma longa relação que prometia ser para sempre e, de maneira trágica, faleceu a sua melhor amiga, Flora.

Com a sensação de flutuar no ar, você concluiu o Doutorado em 2012 e, além de permanecer como docente na rede municipal de Paulínia, também lecionava em algumas universidades privadas. Sua tese refletiu, pelas narrativas de professoras-formadoras da/na EJA, as histórias de formação que hoje você melhor compreende: não se referiam apenas às histórias singulares daquelas três mulheres, mas de uma classe social a qual vocês pertenciam. Havia traços de uma experiência de classe, como diz Thompson (2002).

Mas, pelo processo de expansão dos Institutos Federais e das universidades brasileiras, sob o incentivo do governo Lula, em meados de 2014, foi convocada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Capivari, para tomar posse do cargo de Pedagoga. Foi uma curta experiência de trabalho, pois em agosto do mesmo ano foi aprovada, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como docente.

Ao ingressar no Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino, tão logo foi informada que a disciplina “Tópicos Especiais em Educação de Jovens e Adultos” era optativa para todos os cursos e assim ela permanece até hoje, quase 10 anos depois! Contudo, atuou como vice coordenadora do curso de Pedagogia e depois como coordenadora, gestão que possibilitou

articular uma reforma curricular, já em andamento antes mesmo do seu ingresso na universidade. Assim, após longos anos, hoje (em 2023), a disciplina se tornou obrigatória para o curso de Pedagogia e é ofertada como optativa para as demais graduações. Também trabalhou com as disciplinas de Política e Organização da Educação (apenas nos primeiros períodos de ingresso), depois com Didática e, por fim, ocasionalmente, com a disciplina Autobiografia e formação docente.

Nestes nove anos de trabalho, na UFRRJ, trabalhou intensamente com diferentes frentes: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Participou de diversas comissões, lecionou na graduação e pós-graduação, orientou trabalhos de Conclusão de Curso, de Iniciação Científica e de Mestrado, fundou um grupo de pesquisa, o Grupo de Estudos Espaço de Saberes - GRUPES, juntamente com duas docentes e amigas – Juaciara Barrozo Gomes e Luiza Alves de Oliveira – e ainda participou de diferentes editais do PIBID e do Programa Residência Pedagógica.

O excesso de trabalho te causou, em muitos momentos, uma angústia diante da necessidade de gerir a vida pessoal e escrever, tudo somado à lida cotidiana das condições precárias para o desenvolvimento das suas atividades. Claramente, você parecia sem ar suficiente para respirar e sem espaço para pensar e escrever. Desenvolvia muitas atividades formativas, mas havia pouco espaço para sistematizá-las e publicá-las. Aos poucos, as atividades externas às suas aulas tomavam maior volume e amplitude, de modo que te fazia falta, melhor articulação da didática em sala de aula, bem como mais atualização sobre os temas

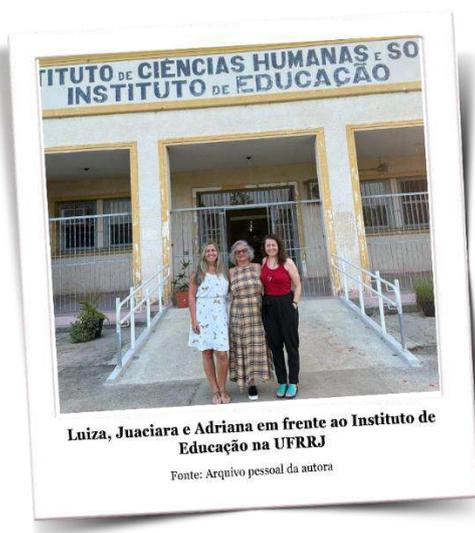
abordados. Os princípios básicos da didática que você ensinava eram todos violados, em alguma medida, pelo excesso de trabalho com que você estava envolvida. As lições de Veiga e Silva (2021, p. 48) pareciam te alertar, persistentemente:

[...] deve-se organizar o processo didático pautado pela unicidade teoria-prática, conteúdo-forma, ensino-aprendizagem, professor-estudante, finalidades-objetivos-avaliação; tomando por base os marcos sociais, as teorias da educação e as que regem a multidimensionalidade do processo didático: humana, técnica e político-social.

Havia uma nítida sensação de descontrole do seu tempo (pelas demasiadas atividades), a vida pessoal lhe faltava. Por vezes, observava alguns colegas, a sua volta ou de outras universidades, e se perguntava como conseguiam conciliar a participação nas diversas atividades advindas do ambiente institucional (reuniões, participações comissões, eventos científicos, gestão etc.) e ainda escrever, publicar e até ser bolsa produtividade no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq?

Embora, a relação de parcerias com outros docentes existisse, você não conseguia, ainda, dirimir as tarefas que tinha, pois os colegas pareciam trabalhar tanto quanto você. O ambiente, de forma geral, era de coleguismo e de envolvimento, apesar das relativas tensões das relações interpessoais nas reuniões de departamento, as indisposições com outros colegas.

O seu encontro com Juaciara Barrozo Gomes e Luiza Alves de Oliveira foi um respiro. Finalmente, havia encontrado professoras advindas da Educação Básica, com expressiva experiência provinda do chão da escola e da formação docente continuada desenvolvida pelas redes de ensino, assim como você. A composição de parcerias de trabalho lhe possibilitou revisitar o que lhe é caro, desde a sua formação no CEFAM: a experiência com a escrita, a premissa da valorização da escola pública e o compromisso com o trabalho coletivo. Assim, você construiu a sua Rural¹¹ possível.



A sua Rural possível se formou também pelos laços de amizade com Luiza e Juaciara, tal como nas palavras de De Rossi (2006, p. 68):

¹¹ A UFRRJ é chamada por muitas pessoas, carinhosamente, como Rural.

Construímos a nós mesmos tentando reunir aquilo que foge por todos os lados. Esta é também a imagem grega de uma luta na amizade. A amizade se tece na articulação do privado, do próprio, do diferente com o público, o comum, o mesmo. São amigos aqueles com os quais temos as coisas essenciais em comum: as lembranças, as experiências, os valores, as alegrias, as tristezas vivenciadas numa relação de troca igualitária. A igualdade é fundamental na amizade. Quando se é amigo, mesmo quando existir discordância ou rivalidade, é-se igual, um cidadão com outro cidadão. isto é diferente de estratégias igualitárias que tem um aspecto hipócrita e demagógico para reforçar posições de poder. A amizade tem uma particularidade, ela nos transforma.

Vocês atravessaram momentos importantes da história juntas: uma pandemia, crises econômicas e políticas, contudo, sistematizaram um conjunto de narrativas que registraram versões plurais do vivido, através de uma trilogia¹² que se preocupou em ampliar a contação e histórias daquele momento tão delicado da vida no planeta.

E... na Rural e pela amizade, Ana, você decifrou a Educação de Jovens e Adultos que ainda continua, em você, de tantas formas: pela presença infindável de sua mãe, pela opção intencional de atuação e pesquisa, pelo compromisso existencial que possui com a classe trabalhadora, a classe social a qual pertence. Você continua sendo uma operária, em diferentes facetas, mas continua.

¹² Trilogia já mencionada na primeira parte deste livro intitulada “Batidas na porta da frente, aos nossos tempos”.

Como quer se despedir de mim? Como quer se despedir do tempo? Não é preciso anunciar tempos e partidas, eles se fazem sem o nosso consentimento. Eles são.

É o futuro que te agoniza, Ana? É a finitude da vida, não é? Apoie-se em suas/nossas histórias, elas te fazem adormecer todas as noites, quando você imagina as suas ilusões mais profundas. Assim, o futuro não mais te atormentará.

Ana, eu te agradeço por ser quem és: tão esforçada e tão utópica, tão sensível e tão forte. Tão curiosa e tão desmedida, às vezes. Tão indecisa e tão cansada, às vezes. Tão rigorosa e tão linda e frágil, às vezes. Seus inacabamentos são a sua força. Ana, eu preciso dizer:

*Eu encontrei você numa poesia
que eu fiz pra lhe esquecer da noite pro dia
Adeus, obrigada e disponha¹³.*

Adriana Alves F. Costa

São Paulo, verão de 2023.

¹³ Trechos da música “Adeus, obrigado e disponha”, de PC Silva, também interpretada por Mônica Salmaso. Na música original a palavra obrigado está escrita no gênero masculino e não no feminino, como escreveu, por licença poética, a autora do texto.

Epílogo

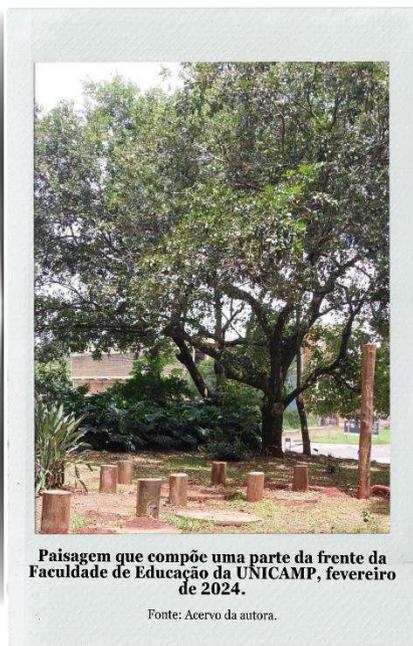


Entre junhos e dezembros, retratos para Lourdes, Celeste(s), Rosaura(s), Ana(s) e... AdriAna(s)

Estamos em 2024, e Lula é presidente do Brasil pela terceira vez. Tantos junhos e dezembros atravessaram a(s) história(s) do povo brasileiro. Tantas Lourdes, Celestes e Rosauras insurgiram formas outras de existências no decorrer destes diversos tempos. Mas Lula é presidente e (também), por meio dele, Ana sobreviveu e se fez Anas. Talvez, AdriAna?

Mas, em fevereiro de 2024, no calor sufocante de Campinas, havia uma névoa que eu precisava atravessar. Dirigi até o hospital da UNICAMP, lá faleceram Celeste e Lourdes, mas também meu avô materno. Cresci em muitas daquelas filas, em busca de atendimento médico, e lá ainda permaneciam pessoas como eu, como nós, que a história teima em oprimir. Mas agora eu era professora na UFRRJ e podia pagar um convênio médico, contudo, nada mudou dentro de mim. Quase nada. Apenas olhei a recepção do hospital na qual inúmeras (inúmeras, inúmeras, inúmeras) vezes atravessei. Me vi criança, jovem, adulta passando por aquele lugar. Todos os meus tempos (também) formavam aquele lugar. Segui até a Faculdade de Educação onde cursei Mestrado e Doutorado. Estacionei

o carro e percorri o caminho, entre árvores nas quais minha mãe me aguardava (ainda naquele momento), quando percebi que não havia mais aquele banco onde ela ficava sentada. Foi então que entendi que o tempo precisava passar dentro de mim. O tempo deveria ser tempo, tal como sua natureza: transformar.



Eu sentia a presença da minha vó Celeste. Eu sentia a presença da minha mãe, Lourdes. Na altura dos meus ombros, havia um ar mais quente e um sentimento de presença dessas mulheres. Ventava. Havia muitos tocos de árvores em forma de bancos. Que bom! Agora, e ali,

todas nós poderíamos sentar e até convidar mais outras mulheres para estarem conosco naquele lugar.

Não mais sozinha (elas estavam comigo, certamente), caminhamos até a recepção da faculdade, caminhamos pelas salas de aula. Era fevereiro demais para mim. Então, eu me despedi daquelas imagens cristalizadas que me conduziram até lá. De certo modo, elas permaneceram no mesmo lugar. Em mim, ainda permanecem, mas agora misturadas pelos tempos.

Gilberto Gil (1984), pela canção *Tempo Rei*¹⁴, já ensinou:

*Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos.*

Quero guardar as imagens de sentidos de ser mulher, tantas formas de ser AdriAnas, e dedico esse texto às mulheres da *minhanossa* vida. Elas são, de fato, imensas, potentes e revolucionárias. Suas forças não se movimentaram sozinhas, foram associadas ao que há de mais valioso às pessoas que compõem a classe trabalhadora: a presença (ainda que insuficiente) da escola pública, inclusiva e democrática.

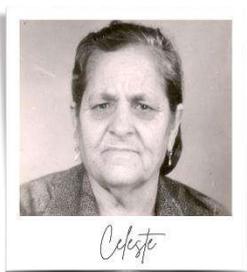
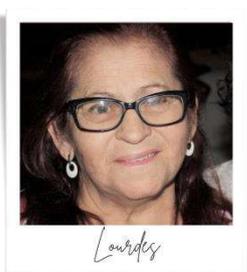
Compartilho a sequência das imagens das mulheres da *minhanossa* vida, as quais eu convidei para pensar a vida comigo, neste texto: Lourdes Alves Costa, Rosaura Angélica Soligo e Celeste Pereira Moreira.

¹⁴ 1984, lançamento do álbum *Raça Humana*, de Gilberto Gil, o qual contempla a canção “Tempo rei”.

E Ana? Ana está com e em todas elas. Adriana também. AdriAnas.

Parafrazeando PC Silva:

*O tempo passou tão depressa
daqui eu nem vejo a distância [...]
é que eu encontrei você(s) numa poesia [...]
Adeus, obrigad(a) e disponha.*



Fonte: Acervo da autora.

Referências

ALIANÇA, P.; TAVARES, M. A.; PASSEGI, M. da C. Epistolaridade e formação do professor: entre o eu, o si e o outro. In: **Revista Crítica educativa**. Sorocaba, São

Paulo, v.8, n.2, 2022, p. 1-15. (Dossiê modos de narrar a vida).

BENJAMIM, W. **O anjo da história**. Porto: Porto Editora, 2017.

BRASIL. CNE/CBE nº11/2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.

DE ROSSI, V. Coordenador pedagógico - tecelão do projeto político-pedagógico. *In*: VICENTINI, A. A. F.; SANTOS, I. H. dos; ALEXANDRINO, R. (org.). **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos**. Campinas, SP: Graf. FE, 2006.

GADOTTI, M. Educação de adultos como direito humano. **Revista EJA em debate**, Santa Catarina, 2013. (Publicação do Instituto Federal de Santa Catarina). Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/issue/view/31>

hooks, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, J. M. Qual o papel da experiência na formação docente em EJA? Memória e narração em processos de autoformação. *In*: JULIÃO, E. F.; FÁVERO, O. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: questões e perspectivas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.

ROSEMBERG, F. Mulheres educadas e a educação de mulheres. *In*: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto. 2016.

SANTOS, R. dos *et al.* A Educação de Jovens e Adultos entre o direito inconcluso e a exclusão silenciada:

desafios ao novo Plano nacional de Educação. *In*: MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. M. de; BOF, A. M. (org.) Contribuições ao novo Plano Nacional de Educação. *In*: **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, Brasília, DF, v. 8. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023. Disponível em:

<http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5765>

SILVA, M. A. M. De colona a boia fria. *In*: PRIORE, M. D. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

THOMPSON, E. P. **Os românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VACARREZA, T.; SOARES, L. Reflexões em torno das relações entre docentes e educandos/as na educação de pessoas jovens e adultas: caminhos que se encontram na busca pela garantia de um direito. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 14, n. 3, set/dez. 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/18165/9766>

VEIGA, I. P. A.; SILVA, E. F. Para onde vão a didática geral da educação superior e as didáticas específicas? *In*: VEIGA, I. P. A.; FERNANDES, R. C. de A. (org.). **Por uma didática da educação superior**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2020. (Coleção Educação Contemporânea).

VICENTINI, A. A. F.; GAZOLLI, D. G. D.; LEITE, S. A. da S. O projeto educativo de uma professora na perspectiva freireana. **Revista EJA em debate**,

Florianópolis, ano 4, n. 6, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA>
VICENTINI, A. A. F.; GAZOLLI, D. G. D.; PRADO, G. do V. T. O desenvolvimento profissional docente no trabalho com a alfabetização de idosos. **Revista Olhares**, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 424-448. Dezembro, 2014. Disponível em: <http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/viewFile/212/94>.

Discografia

BASTOS, Cleber; DJALMA, Falcão; LIMA, Marco Antônio Dantas de. **Amizade**. Sony Music Entertainment: 1991.

BETHANIA, Maria. Tributo a Erasmo e Roberto Carlos. **As canções que você fez pra mim**. Polygram/Philips:1993.

BUARQUE, Chico. **As vitrines**. Universal Music Group: 1981. (Álbum Almanaque)

GUEDES, Alberto de Castro; RIBEIRO, Ronaldo Bastos. **Sol de primavera**. EMI/ Odeon: 1979. (Álbum Sol de Primavera).

MOREIRA, Gilberto Passos Gil. **Tempo rei**. Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro: 1984. (Álbum Raça Humana).

PC SILVA. **Adeus, obrigada e disponha**. Estúdio Carranca, 2020.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. Philips Records: 1979. (Álbum Cinema Transcendental).



Viver e contar: a identidade narrativa da professora formadora de professores

Juaciara Barrozo Gomes¹

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes, é o próprio apesar de, que nos empurra para a frente. Foi o apesar de, que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.

(Clarice Lispector)

Tempo, tempo, tempo, 02 de março de 2024.

Carta para Sara

Remetente: Juaciara



Oi, Sara! Tudo bem? Como vão as coisas por aí? Estou passando para te contar umas novidades sobre mim. Você ainda se lembra da menina que fui? Acredita que “apesar de” a Juaciara, que você conheceu há tantos

¹ Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: juaciara-barrozo@gmail.com

anos, hoje é uma *professorapesquisadora* e está trabalhando na UFRRJ? Como as coisas mudam, não é mesmo? Não faz muito tempo ela era uma menina, andando pelo terreiro e sendo paparicada por várias tias.

Sabe, Sara, Clarice nos diz que a insatisfação criadora, muitas vezes, nos impulsiona, dando novos sentidos a nossa existência. É assim que me vejo quando olho para minha trajetória e percebo que, “apesar de”², consegui alcançar muitos objetivos que planejei para minha vida e, hoje, posso afirmar que sou o encontro de muitas vozes e constituída de muitos outros. São esses outros que quero trazer aqui, porque acredito que eles me constituem, inclusive você.

Começo falando de minha mãe, essa mulher destemida e batalhadora, capaz de enfrentar tudo e a todos pelo bem dos seus filhos. Minha mãe foi uma grande inspiradora para que eu me tornasse a mulher que sou hoje. Nunca aceitou posições submissas, mesmo sendo uma “dona de casa” que se dedicava à criação dos filhos. Teve sempre consciência de que precisava lutar para garantir o respeito às suas ideias, crenças e espaços. Isso me levou a nunca ficar calada ou imobilizada perante discriminações ou injustiças. Era ela que nos dizia para não tolerarmos preconceitos, pois nossa fé tem como pilar a caridade e o amor ao próximo. Foi com Dona Branca que aprendi a ter um olhar acolhedor, a

² Opto, aqui, por utilizar o recurso gráfico das aspas em “apesar de” a fim de marcar, não somente o discurso de Clarice Lispector, de quem me aproprio o uso da expressão, mas também como forma de destacar o sentido afetivo das ações de superação em minhas memórias narradas.

compreensivo à dor do outro, e a abrir minha casa e o meu coração para todos que viessem me procurar. Nossa casa sempre foi a casa de muitos. Dona Branca tinha grandes ideias a respeito de convivências, assim usava as palavras para dizer coisas que ficaram em nós para todo sempre:

Um amigo não pode ser um sapato apertado.

Em primeiro lugar, você é filha de Deus e, se não merecer, ninguém poderá te fazer mal.

Tenha cuidado com as suas atitudes. A do outro é problema dele, ele terá que dar conta.

Se você tem certeza dos seus propósitos, não precisa temer.

Quem fica em cima do muro toma tiro dos dois lados.

Ainda lembro, com nitidez, dos vestidos que ela carinhosamente costurava para que pudéssemos frequentar os bailes do Bangu Atlético Clube. Naquela época, era comum os jovens se encontrarem nos bailes do clube local para se divertirem e paquerarem. Como o dinheiro era pouco, mamãe comprava, na Fábrica de Tecidos Bangu, o “macarrão”. Isso mesmo, um rolo com vários tecidos enrolados que o cliente não sabia em que condições se encontravam. Podiam estar rasgados, manchados ou mesmo completamente impróprios para o uso. Mas como ela era muito comunicativa, logo fez amizade com as vendedoras que davam as dicas se naquele dia o tal “macarrão” estava bom para ser comprado.

Em casa, a vida era simples, mas muito harmoniosa. D. Branca jamais aceitou brigas entre os filhos. “Se brigar, vou esfregar a cara dos dois”, ela dizia. E os

bolinhos “sola” que ela fazia para o café da tarde? Eram apenas feitos de banana, açúcar e água. Nós adorávamos!

Como você deve saber, mamãe tinha uma séria preocupação com nossa formação. Assim, eram comuns as compras de enciclopédias, pagas em diversas parcelas, para que pudéssemos ter importantes suportes de estudos.

Meu Pai, Jocelim, carinhosamente apelidado de “Carú”, delegava a ela o papel principal em casa, aceitando todas as suas decisões. Ele trabalhava na Rede Ferroviária Federal e, quando chegava a casa, não tinha paciência para se inteirar da vida dos filhos. Por sua vez, meus irmãos Josenir e Jorcélia dispensavam a mim todos os carinhos e mimos, já que eu era a filha caçula.

Quando eu ainda estava com cinco anos, quase fazendo seis, mamãe decidiu me matricular em uma instituição privada para que eu fizesse o antigo pré-primário³. Como filha caçula, pude ter esse privilégio que não foi possível aos meus irmãos: ser matriculada em uma escola privada de Educação Infantil. Isso, em 1964, era realmente uma exceção. Kramer (2003) confirma que “[...] até meados da década de 20 do século passado, a assistência à infância foi realizada basicamente por entidades particulares” (p. 48).

Assim, o que parecia privilégio transformou-se em um problema, já que a escola, orientada pelos ideais tecnicistas, que apenas visavam a uma estimulação precoce e ao preparo para a alfabetização, não possuía

³ Referência ao curso que precede o antigo primário; pré-escolar [este curso, atualmente, constitui o primeiro ano do *ensino fundamental*].

nenhuma metodologia diferenciada para atender a essa faixa etária e, em cadeiras enfileiradas, sem acolhidas, afetos e sensibilidade, colocavam os pequenos alunos em laboratórios de ciências, logo nos primeiros dias de aula, pois não havia sala disponível para a turma. Lembro que havia um esqueleto pendurado em uma caixa de vidro, além de diversos bichos empalhados alocados nas prateleiras. Certo dia, uma amiguinha me disse que o esqueleto estava se mexendo. Fiquei muito assustada, comecei a imaginar aquele esqueleto saindo da caixa, se juntando aos outros bichos e nos atacando. Meu teatro interior era composto de cenas assustadoras, mordidas, sangue, muito choro e sofrimento.

No dia seguinte, na hora da aula, comecei a chorar, pois não desejava ir para a escola. Como meu irmão mais velho, Josenir, havia enfrentado transtornos emocionais ocasionados por uma professora autoritária, que constrangia os alunos com insultos e humilhações, chegando mesmo até a violência física, minha mãe decidiu me tirar daquela instituição e aguardar a idade para entrada na escola pública, que, à época, era só com sete anos e eu tinha apenas seis. Acho importante dizer que esse episódio, que envolveu o meu irmão, foi muito traumático, pois lhe deixou marcas jamais apagadas. Após o acontecido, a escola se transformou para ele em um lugar hostil a ser superado.

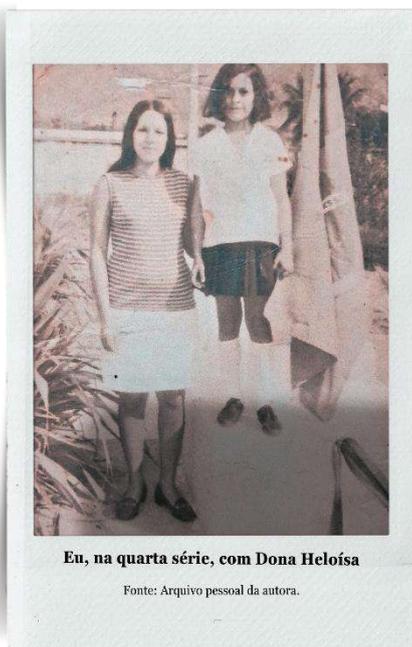


A escola pública

Fonte: Imagem do Facebook da escola.

Assim como um rio, a vida seguiu seu percurso normal, com a chegada dos sete anos, também chegou a hora da minha entrada na escola pública. A escola escolhida ficava muito próxima a nossa casa: a Escola Bangu. Embora estivesse localizada no bairro de Padre Miguel, esse espaço era organizado com outra lógica, o que fez com que as experiências fossem totalmente diferentes daquela vivenciada na escola privada. As salas eram grandes e bem arrumadas. A professora, embora austera e pouco afetuosa, dedicava-se profissionalmente aos alunos, dava suas aulas com o rigor que, naqueles tempos, marcava grande parte do exercício docente. Foi com dona Heloísa que passei

todos os anos do antigo ensino primário. Dela, guardo o sentimento da professora que eu não desejava ser, pois não tenho lembranças de afagos, de abraços e de sorrisos. Guardo, com muita nitidez, a imagem de Débora, uma menina considerada a melhor aluna da turma. Ela recebeu de Dona Heloisa a incumbência de examinar as nossas unhas. Isso mesmo, Sara, parece mentira, mas acontecia assim. Nós colocávamos as mãos sobre a mesa e Débora passava examinando se as unhas estavam limpas e cortadas. Caso a menina encontrasse algo que considerasse impróprio, tinha que delatar à professora, que levava o infrator para uma conversa na direção. Como podemos conceituar essa atitude hoje? *Bullying*? Constrangimento? Abuso de autoridade? Olhando para essa cena, entendo que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) muito contribuiu para que práticas discriminatórias e excludentes como estas fossem superadas ou mesmo criminalizadas.



Eu, na quarta série, com Dona Heloísa

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Então, Sara, como falei, nós morávamos muito próximo da escola. Era possível escutar o som do sinal na hora da entrada e na hora da saída.

Naquela época, nos fundos de nossa casa, minha mãe construiu um pequeno Centro Espírita, mas logo depois, também foi inaugurada uma Igreja Batista. Isso causou uma confusão: ora era culto, ora sessão. Completamente diferente de nós, praticantes de uma religião afro-brasileira, que de forma insurgente e precária resiste historicamente a diferentes ataques e demandas, aquele grupo religioso possuía grandes recursos financeiros e assim propôs aos meus pais comprar a nossa pequena casa. Realizada a transação,

nos mudamos para uma outra residência, que ficava mais distante, no Bairro de Bangu, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Meu irmão mais velho ficou com a responsabilidade de me levar e buscar na escola. Íamos de bicicleta, o transporte mais utilizado, naquela época, em nosso bairro. O apelido de meu irmão era Caetano, pois seus amigos achavam que ele parecia fisicamente com o cantor Caetano Veloso. Fato é que, sem nenhuma coincidência, ele pedalava cantando a música “Alegria, alegria”, daquele cantor.

*Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou...
(Caetano Veloso)*

Era 1968, vivíamos, no Brasil, em plena ditadura militar, o tropicalismo era um movimento cultural presente na música e no cinema que visava mudar o cenário da cultura brasileira, o ritmo surgiu como uma forma de expressão de opinião, coisa muito difícil na época. O movimento se caracterizava como revolucionário e libertário, fazendo oposição ao intelectualismo da Bossa Nova. Além de Caetano Veloso e Gilberto Gil, também se destacaram: Nara Leão, Tom Zé, Gal Costa, Rita Lee, Jorge Bem, Maria Bethânia, entre outros.

Quando estava na quarta-serie, hoje equivalente ao quinto ano do ensino fundamental, preparando-me para

o concurso de admissão⁴, uma nova lei da educação foi promulgada, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.º 5692/71, mudando toda a configuração da educação nacional. Os segmentos de escolaridade já não eram mais denominados como “primário e ginásio”, mas como 1º e 2º graus. Essa lei, criada em plena ditadura militar, privilegiava o caráter utilitarista do conhecimento. O contexto sociopolítico econômico daquela época era “selvagem”. Em decorrência das mudanças, tive que cursar um ano de escola particular, mas como meus pais não tinham condições para assumir o pagamento das mensalidades, um tio querido resolveu arcar com esse compromisso até que eu conseguisse uma vaga na rede pública. A escola escolhida era uma instituição confessional católica, tendo no quadro de docentes padres e seminaristas. Esse foi um momento especial para mim, pois eu, menina umbandista, circulava pelos espaços do Colégio Cardeal Câmara, sentindo-me autônoma e confiante, embora a instituição tivesse um severo rigor disciplinar. Nesse contexto, mesmo não sendo uma aluna indisciplinada, inúmeras vezes fui para a coordenação copiar o regulamento da escola apenas por ter achado graça das traquinagens dos colegas. Meus “punidores” eram o Padre Sebastião, que anos após celebrou o meu casamento, e o professor Giovanni, que à época era o coordenador. Passados alguns anos, eu e Giovanni trabalhamos juntos na 8ª. Coordenadoria Regional de Educação. Quando nos

⁴ Nome dado à seleção feita para o ingresso no antigo ginásial. Esses exames foram instituídos pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931.

encontrávamos pelos corredores da instituição, eu lembrava ao professor os castigos que ele havia me imposto e ele, sempre sorridente, respondia: “Valeu a pena, pois você se tornou uma excelente profissional”.

Será que castigos e punições moldam a competência profissional ou mesmo a identidade de alguém? Tenho que discordar do professor Giovanni, pois para mim esse mecanismo de controle, utilizado pela sociedade punitiva e baseado na vigilância generalizada, onde o exercício de poder é investido sobre o outro para cercá-lo, sujeitá-lo, educá-lo (Foucault, 1975) não produz reflexão e nem a transformação dos indivíduos. Portanto, certamente não cheguei ali pela coerção e sim por uma série de outros mecanismos que me levaram à construção do pensamento crítico e me moldaram profissionalmente.



Escola Pública

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1053492524668323/posts/24191863710404544/>. Sem registro de direitos.

A figura acima mostra o prédio onde ficavam localizadas as salas de aula. No pátio, eram vividos os melhores momentos dos nossos dias. Ali, aconteciam as brincadeiras, gozações, encontros e desencontros. Do outro lado do pátio, ficava a Igreja de São Lourenço.

Então, Sara, novamente como um rio, que continua o seu percurso, desviando das pedras e obstáculos, no ano seguinte, voltei para a escola pública, naquela época, o Colégio Ernani Cardoso. Foi nessa escola que vivi o preparo profissional, que também veio no bojo da Lei n.º 5692/71. Eram aulas de marcenaria, de datilografia, de impressão gráfica, entre outras. Ainda guardo na memória a imagem embaçada de uma pequena prateleira para livros que construí na aula de marcenaria e dos papéis decorados cuja técnica aprendi nas aulas de impressão gráfica. Nesse efervescente contexto, vivi os momentos de resistência à teia militarista, com os festivais estudantis que, na década de 70, fase mais autoritária do regime ditatorial, consolidaram-se como eventos musicais nos quais imperava um clima de críticas e de busca por liberdade e por justiça social. Nessa onda, participei do festival da escola com uma música que falava de um amor proibido por incompatibilidade ideológica. Confesso que já esqueci a letra, mas também me recordo que foi nessa época, que comecei a me interessar pela leitura literária. Com *Capitães da Areia* de Jorge Amado, comecei a me inquietar com as desigualdades sociais, me identificando com o professor João José.

Certo dia, vi minha mãe lendo muito interessadamente um livro. Ao me aproximar, ela

percebeu meu interesse e logo falou: “Esse livro não é para sua idade, sai daqui”. A repreensão aguçou minha curiosidade e a desobedeci. Fui logo correndo para a Biblioteca Pública, localizada no centro do bairro onde morávamos, para solicitar o empréstimo do livro que tinha como título *O cortiço*. Foi assim que, a partir dessa leitura, comecei a refletir sobre a influência do meio, do contexto social e da cultura sobre as pessoas.

Quando cheguei ao último ano do 1º grau, comecei a ter que pensar no meu destino profissional, qual curso escolher no 2º grau, e este era o dilema de toda a turma. Os cursos profissionalizantes, ligados à eletrônica e à eletrotécnica, estavam em alta entre os jovens da minha classe social e isso nos influenciava bastante, pois eram concorridas as vagas nas escolas técnicas. Depois de muito pensar, decidi pela formação de professores (antiga Escola Normal), pois, como ministrava “aulas de reforço” em casa, para crianças das séries iniciais, já estava encantada pelo ofício de ensinar. Confesso, no entanto, que também fui seduzida pelos comentários das mães das crianças, que elogiavam muito o trabalho que eu desenvolvia, além de ser um sonho de minha mãe ter uma filha professora. Logo ela, que foi vítima do fracasso escolar imposto pela escola excludente.

Foi em meados dos anos 70 que me enamorei por um rapaz chamado Selmir. Eu o havia conhecido em um dos bailes do Clube Bangu. Mesmo muito jovem ainda, começamos a namorar. Ele era um “cabeludo” que adorava os Beatles e todo tipo de *Rock* e *Jazz*. Minha mãe logo ficou preocupada com o fato de essa relação interferir na minha vida estudantil. Mas isso não

aconteceu, pois eu sempre entendi a importância da formação e também porque morria de medo de mamãe. Eu sabia que, caso não apresentasse um bom desempenho escolar, teria que terminar com o namoro. Você lembra, Sara, o quanto mamãe era severa?

Nesse percurso, “apesar de”, cheguei ao Instituto de Educação de Campo Grande, Escola Normal Sara Kubitschek. A opção pela docência se configurou como um lastro propulsor para a própria constituição de minha existência.

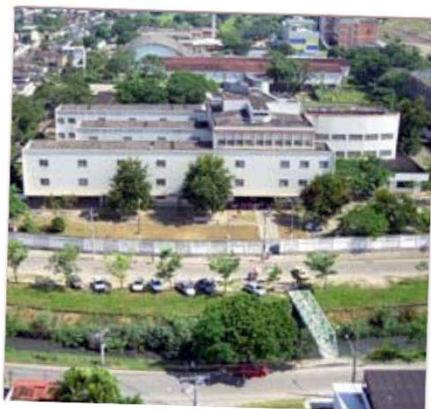


Foto panorâmica do Instituto e Educação Sarah Kubitschek

Fonte: Imagem extraída do Facebook da escola.

Sara, você nem pode imaginar como essa escola era maravilhosa! Um quarteirão imenso abrigava o curso normal, havia um prédio para a Educação Infantil e outro para o Ensino Fundamental, além de uma quadra de esportes e de uma piscina olímpica. Ali, passávamos

grande parte do dia transitando entre um prédio e outro ou conversando sentadas nos banquinhos das diversas praças. Tínhamos ainda a vantagem de, nos prédios anexos, realizarmos alguns estágios.

O curso tinha muita qualidade. Posso afirmar que ali iniciei meu processo de formação docente, principalmente, no que se refere aos ensinamentos pedagógicos e ao incentivo para as práticas culturais. Éramos incentivados com atividades de canto, de teatro, de artesanato, de plenárias e de festas. Dessa forma, éramos envolvidos com todos os projetos da escola. No entanto, é preciso ressaltar que faltava a dimensão crítico-reflexiva, visto que o foco da formação era mesmo a dimensão prática. Importante lembrar ainda que, até a década de 90, a formação para os professores, que iriam atuar nas primeiras séries dos anos iniciais, era de nível secundário (atual ensino médio), sendo realizada nas escolas normais. Somente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o modelo de formação de professores para as séries iniciais ganhou uma nova configuração. A partir dessa legislação, a formação universitária passou a ser exigida para atuação nesse segmento de ensino (Sarti, 2017). No entanto, as escolas normais não se extinguíram. Embora, tenha diminuído drasticamente o número de matrículas, ainda é possível encontrar essa modalidade de ensino em alguns estados, sendo o Rio de Janeiro, o estado com o maior número de escolas que preparam professores, no nível médio, para atuar nos primeiros anos do ensino fundamental.

Hoje, atuando como pesquisadora da formação de professores, entendo que a persistência das escolas normais contribui para a precarização do trabalho docente, onde muitas vezes seus egressos só encontram possibilidade de trabalho, em escolas privadas de bairros periféricos, sob regime de contrato temporário, com baixos salários e nenhuma formação continuada em serviço (Mesquita, 2022).

Mas, retomando minhas vivências na escola normal, sou invadida pela lembrança da oportunidade que tive de conhecer um teatro na zona Sul do Rio de Janeiro – ideia de um professor de inglês que hoje considero como emancipadora – e assistir a uma peça de Tennessee Williams, denominada *A margem da vida*. Ele chegou dizendo que não queria nos ensinar o verbo *to be*, mas nos apresentar um pouco da cultura que envolve a língua inglesa. Isso foi mágico para minha vida. A partir daí, comecei a frequentar teatros e espaços culturais, entendendo que a cultura tem um papel especial em nosso desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual.

E os estágios, Sara? Ah! Eles eram um evento à parte, pois era quando tínhamos um contato direto com a escola e com os alunos. Ali, tínhamos a oportunidade de conhecer melhor os meandros da profissão, a relação professor-aluno e o clima do cotidiano escolar, embora, muitas vezes, tivéssemos que ficar “rodando folhinhas” no mimeógrafo, o que nos deixava com cheiro de álcool e com a roupa manchada de roxo. Mas, até isso, era encantador, pois, para mim, significava estar inserida na profissão. Minha memória me presenteia, nesse

momento, com a lembrança de minha mãe que, ao ganhar algum dinheiro, fruto de uma herança, como primeira atitude, presenteou-me com um mimeógrafo para meu futuro exercício profissional. Nesta fase da formação, ficávamos o dia inteiro na escola, ou quando o estágio era feito nas escolas do município, transitávamos por diferentes áreas do bairro de Campo Grande. Ainda consigo sentir o cheiro do macarrão que, uma vez ou outra, eu almoçava na loja *Silbene*. Também guardo o gosto do bolo de laranja que comprava em um *trailer* que ficava na frente da escola. Como você sabe, Sara, o dinheiro lá em casa era curto, mas mamãe fazia o possível para me agradar e, quando podia, me proporcionava esses mimos. Isso era possível porque, nessa fase, meus irmãos Josenir e Jorcelia já trabalhavam e tinham casado, sendo eu a única a ser sustentada pelos pais.



Festa do dia dos Professores

Fonte: Acervo da autora.

Durante o curso normal, comecei a vender produtos de beleza para ajudar a comprar o meu enxoval, pois eu e Selmir já pensávamos em nos casar. O casamento “precoce” era comum para a minha classe social.

Enfim, Sara, me formei e a partir de então era a professora Juaciara. Possuía, além de um diploma, os saberes que faziam de mim uma profissional da educação. Realização do sonho da minha mãe, que adorava cantar para mim a música “Minha linda normalista”, de Nelsom Gonçalves.



Acho que essa foi a minha *primeira insubordinação* ao destino traçado para uma menina parda, da classe

popular, umbandista, filha de operários que sequer concluíram as primeiras séries do 1º grau.

Como já falei para você, terminado o 2º grau, era hora de trabalhar. Naquele momento, não havia como pensar na graduação. Esta também era uma realidade dos jovens da minha classe, que tinham, ao término do Ensino Médio, a conclusão da trajetória formativa. Assim, no ano seguinte, casei com o cabeludo roqueiro e comecei a lecionar em uma escola privada, na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Era uma escola grande que, na época, atendia a muitas crianças bolsistas. Naquele período, o Estado não conseguia oferecer vagas para todas as crianças na rede pública e supria essa demanda com bolsas de estudos em instituições privadas. Algumas empresas também ofereciam esse benefício aos filhos dos empregados. Essa era a orientação da LDB de 1971:

§ 2º O Poder Público estimulará a organização de entidades locais de assistência educacional, constituídas de pessoas de comprovada idoneidade, devotadas aos problemas socioeducacionais que, em colaboração com a comunidade, possam incumbir-se da execução total ou parcial dos serviços de que trata este artigo, assim como da adjudicação de bolsas de estudo (Brasil, 1971, art. 62).

A gestão administrativa e pedagógica dessa instituição era desastrosa, cenário comum no âmbito dos subúrbios da capital fluminense, quando se trata de educação privada, até os dias atuais. Éramos obrigadas a não sinalizarmos as faltas dos alunos bolsistas para que a instituição não perdesse o benefício. Descobrimos que

havia alunos que eram registrados em duas modalidades de bolsa (empresa e estado). Assim, a mantenedora ganhava duas vezes por um mesmo aluno. Pura corrupção! No âmbito pedagógico, a coordenadora exibia práticas autoritárias e pouco confiáveis. Abaixo, exponho uma foto da participação da escola no Desfile de 7 de setembro.



Desfile de Sete de Setembro

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Diante daquele contexto, fiquei desencantada com o ofício docente, pedi demissão e me aventurei por outros campos.

Nessa época, engravidei e tive uma filha. Ursula nasceu com apenas 8 meses, era frágil e pequenina, tendo alguns problemas de saúde. Me dediquei integralmente à maternidade e a cuidar dela. No entanto, precisava trabalhar, pois só com o salário do Selmir era difícil nos mantermos e ainda pulsava em mim um desejo enorme de produzir, de conhecer, de me aventurar. Assim, fui vendedora, auxiliar administrativa, professora de congelamento de alimentos e agente educacional em um Centro Social da Fundação Leão XIII. “Apesar de”, decidi que era hora de cursar uma graduação, mas, como já disse, tinha uma filha e a necessidade de trabalhar. A opção possível era um curso noturno, em uma instituição privada, perto de casa. Dessa forma, “apesar de”, escolhi a Pedagogia para dar continuidade ao meu desenvolvimento profissional. Embora, a instituição fosse relativamente pequena, o curso oferecia uma boa formação, havia professores bem qualificados, que me fizeram desenvolver o pensamento crítico e me ensinaram a olhar para o campo educacional a partir de suas relações com a sociedade. Assim, conheci Paulo Freire, Anísio Teixeira, Vygotsky, Piaget, entre outros. As disciplinas que mais me marcaram foram a Sociologia da Educação (fui até convidada para ser monitora) e Psicologia.

O modelo do curso, à época, era o 3+1, ou seja, escolhíamos a habilitação que gostaríamos de cursar depois de termos concluído os três primeiros anos da formação. Nossas opções eram: administração, inspeção escolar, orientação educacional e supervisão escolar. Escolhi a orientação educacional, porque entendia que

pensar nos alunos, nas suas questões, nos seus direitos e, principalmente, na sua emancipação social, era uma tarefa a que eu gostaria de me dedicar. Desta forma, as publicações de Miriam Paschoal Paúra passaram a ser minhas referências.

O estágio em orientação educacional aconteceu na mesma escola onde cursei as séries finais do 1º grau (hoje, ensino fundamental). Voltar a essa escola, na condição de estagiária de um curso de graduação, me trouxe muita felicidade. Reencontrei antigos professores e com eles voltei a aprender muito. Agora, sobre o exercício profissional. Lembro que conversava sempre com Leonel, meu antigo professor, que naquele momento ocupava o cargo de diretor. Ele era uma pessoa calma, lidava muito bem com os alunos, sempre cordial e compreensivo. Em parceria com a orientadora educacional, Denise, os dois realizavam uma gestão dialógica e democrática. Foi um período de muito aprendizado para mim. Eu adorava os encontros com os alunos, momento em que discutíamos as dificuldades e necessidades entre outras questões que eles nos traziam. Em sua trajetória, a orientação educacional passou por muitas transformações em relação a sua identidade. Do aconselhamento individual ao trabalho coletivo, fomos construindo uma profissionalidade voltada para emancipação social desses meninos e meninas.

O curso foi feito com muito apreço e, também, com muito sacrifício, pois conciliar trabalho, casa e faculdade, me levava a dormir pouco para dar conta de tudo. Mas o curso chegou ao fim e, com o ele, a *segunda insubordinação*: a conclusão da graduação. A partir

daquele momento, pedagoga Juaciara. Assim como muitas mulheres da minha classe social e faixa etária, fui a primeira da família a receber um diploma do curso superior.

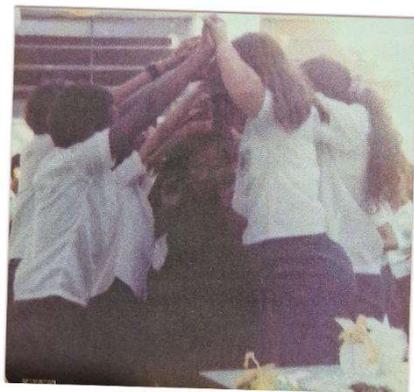


Quando estava no quarto período do curso de Pedagogia, passei em um concurso para Prefeitura do Rio de Janeiro e, em seguida, fui convocada. Assim, meu tempo era dividido entre trabalho, vida doméstica e faculdade. Essa condição me colocou no entremeio das histórias de muitas alunas e alunos que, sendo trabalhadores, cursam uma graduação no período noturno e enfrentam todas as demandas e adversidades que a realidade social impõe.

Após a posse como professora das séries iniciais no Município do Rio de Janeiro, fui lotada em uma escola da área rural do bairro de Bangu, onde resido, que é subúrbio da capital fluminense. Isso me levou a acreditar que não teria problemas de ambientação, já que nasci e fui criada nessa região. No entanto, o contexto era totalmente diferente daquele a que eu estava acostumada. Embora fosse uma zona rural, onde passeavam cavalos e charretes, atribuindo um ar bucólico à paisagem, as crianças eram extremamente agitadas e violentas, as “brincadeiras” eram, basicamente, lutas e brigas, as práticas culturais daquele grupo eram desconhecidas por mim. O cenário chegava a ser assustador para alguém que estava iniciando na profissão. “Apesar de”, fui me adaptando bem com a turma, conseguindo uma relação muito próxima e amigável com cada aluno(a). Hoje, esse local se tornou uma comunidade muito violenta, são comuns os conflitos com a polícia, dificultando qualquer possibilidade de acesso por pessoas desconhecidas. Isso me faz pensar naqueles alunos, em suas práticas culturais e como a violência era a regra da relação estabelecida com os pares. Penso, muitas vezes, em como aqueles meninos e meninas encaminharam as suas vidas. Que oportunidades a sociedade foi capaz de oferecer a eles?

Depois de três anos nessa escola, pedi transferência para outra unidade, mais próxima do centro do bairro, Escola Municipal Waldir Azevedo Franco. Ao chegar à nova escola, o impacto foi grande, pois ela era extremamente organizada e conduzida com muito rigor

pelas diretoras. Tudo funcionava com perfeita organização. As famílias respondiam com comprometimento a todas as solicitações dos professores e da direção. As festas transformavam-se em eventos especiais no bairro e, até quem não tinha filho na escola, queria participar. Inicialmente, fiquei assustada com tamanha organização e rigor, achei que não iria me adaptar, pois acredito na liberdade e na autonomia, tanto de alunos, como de professores. Mas me enganei e, aos poucos, fui percebendo que tudo fazia sentido e que, ao contrário do que pensava, a organização nos dava liberdade para desenvolvermos nosso trabalho com tranquilidade e criatividade. A direção que cobrava, também era a que oferecia suporte e nos apoiava. Os projetos fluíam e, por isso, acreditei que ficaria ali por muitos anos.



Comemoração do meu aniversário da E.M. Waldir Franco

Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Sara, preciso dividir, com você e com os leitores desse texto, uma enorme dor que carrego até hoje quando olho para essa foto. Essa turma foi muito especial na construção de minha trajetória docente, as relações afetivas eram intensas entre mim e eles. Eram frequentes as visitas de mães de alunos, que eu recebia em minha casa, na época da Primeira Comunhão que eles fizeram na Igreja Católica, próxima à escola. Cheguei a ter que ir a cinco comemorações festivas em um mesmo dia, me dividindo entre os diferentes endereços. No entanto, logo após esse meu aniversário, o Anderson, um aluno muito falante e ativo, faleceu em consequência de uma anemia falciforme. Levei um soco, sofri. Mas, Sara, outra dor ainda estava por vir. Raquel, uma das alunas que está na foto (figura 7), e que apresentava aspectos físicos de “nanismo” também veio a óbito, vítima de encefalite. Foi outro baque e fui ao chão com duas perdas em um período de dois meses. Raquel era extremamente ligada a mim. Dias antes de falecer, após ouvir comentários de colegas, ela descobriu que era anã. Antes, Raquel achava que era “baixinha” já que a família ainda não havia conversado com ela sobre essa questão. Esse contexto de perdas me deprimiu muito. A alegria deu lugar para a saudade. A ausência de Anderson e Raquel mudou completamente a dinâmica da turma.

Apesar de gostar muito da escola, fiquei muito entristecida com os acontecimentos. Depois de algum tempo, com a eleição de Leonel Brizola para Governador do Rio de Janeiro, foi apresentado um projeto de governo para a educação que incluía a criação dos

Centros Integrados de Educação Pública - os CIEPs. Bem próximo a nossa escola, em um grandioso campo de futebol, foi construído o CIEP Célia Martins Menna Barreto. Foi então que uma professora da nossa unidade foi convidada para ser a diretora dessa nova escola, levando alguns colegas, para compor a equipe. Assim, fui convidada para ser a coordenadora do Projeto de Educação Juvenil (PEJ). O objetivo inicial do projeto era atender aos jovens das classes populares, egressos do ensino regular, na faixa etária de 14 a 20 anos. Mas, a partir dos anos 2000, esse atendimento se estendeu aos adultos, sem haver limite de idade, passando a ser denominado de Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA.

Nessa época, empolgada com tal projeto de escola e com sua perspectiva filosófica, aceitei prontamente o convite, que também vinha ao encontro de uma necessidade pessoal de trabalhar no horário noturno. Trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi um grande aprendizado, além de ter sido um enorme prazer. Foi uma experiência pessoal e profissional muito significativa conviver com aqueles jovens e adultos, ávidos por aprender a ler e a escrever, com suas experiências de vida recheadas de dores, de sofrimentos e de esperanças, afinal, esperança era o sentimento que movia aquelas pessoas, a esperança de uma vida melhor. Eram feirantes, biscateiros, donas de casa, empregadas domésticas, pedreiros e todas as pessoas excluídas do sistema educacional regular. Arroyo (2019, p. 33), ao refletir sobre o precário sobreviver desses grupos, nos faz questionar: “[...] de que percursos humanos-in-

humanos chegam? De que trabalhos? De que precário sobreviver?”.

Naquele novo espaço, fui professora, coordenadora e diretora adjunta. Ali, permaneci por dez anos, quando recebi um convite para integrar uma equipe na 8ª Coordenadoria Regional de Educação, órgão intermediário entre a Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro e as escolas.



A experiência com a EJA trouxe algumas inquietações que me levaram a buscar um curso que pudesse me dar algumas respostas sobre a questão do fracasso escolar. Foi quando iniciei um curso de pós-graduação (*lato sensu*) em Psicopedagogia, organizado pelo Centro de Estudos de Pessoal (CEP), uma instituição militar, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na modalidade EAD. Considero que a

formação ofertada era de qualidade e me oportunizou adquirir relevantes conhecimentos sobre a área psicopedagógica.

Em minha memória, guardo as dificuldades que tive que enfrentar para conseguir concluir essa especialização. Na lida em dividir-me entre a casa, os cuidados com a filha, o trabalho e o estudo, acordava às 4h da manhã, estudava até às 6h, quando verdadeiramente começava o dia. Acordava a filha, preparava o café da manhã, levava-a à escola, ia trabalhar, voltava, cuidava da casa, dava atenção à filha, organizava tudo para o dia seguinte e recomeçava tudo outra vez.

O trabalho final dessa pós-graduação teve como tema *A avaliação como causa do fracasso escolar*. Lembro-me que a primeira versão apresentada a uma orientadora foi toda canetada de vermelho. Fiquei desapontada, pois era sobre esse tipo de avaliação que não considera o contexto e as subjetividades que eu estava tentando escrever. Resolvi procurar a instituição para desistir do curso, pois acreditei que não conseguiria produzir um trabalho de qualidade, uma vez que estava cuidando de minha mãe que, na mesma época, estava enfrentando problemas de saúde. Ao chegar no CEP, fui informada de que a professora avaliadora estava de licença, mas que eu poderia ser atendida por outra docente. Foi quando conheci a professora Berenice Picanço que, com muita doçura e compreensão, me encorajou a prosseguir com o meu objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas e o fracasso escolar. Assim, conclui com nota máxima a especialização, *minha terceira insubordinação*.

O trabalho realizado no CIEP, Célia Martins Menna Barreto, especialmente na EJA, me levou a ser convidada para trabalhar na Divisão de Educação da 8ª Coordenadoria Regional de Educação, sob a direção de Reinaldo José de Aragão Barbosa. Inicialmente, não aceitei o convite, mas depois fui convencida por antigos amigos que lá encontrei.

Reinaldo tinha uma incrível visão gestora, reunia todos os atributos que um bom gestor deve ter. Com uma firmeza impressionante e visão holística, coordenava a equipe ao mesmo tempo em que transformava o grupo de trabalho em um grupo de amigos e parceiros. Com ele, abandonamos práticas competitivas e individualistas, pois nosso foco estava sempre direcionado ao trabalho coletivo.

Na coordenadoria, inicialmente, fui compor a equipe de EJA. Nosso trabalho era propor ações de formação para os professores regentes e acompanhar as escolas que atendiam a esse segmento. Minha experiência na EJA me fez refletir sobre as dificuldades de acesso que esses alunos encontram para vivenciarem experiências culturais e estéticas no que se refere às artes. Assim, resolvi apresentar para Reinaldo, um projeto que objetivava levar as escolas com EJA, às⁵ Lonas Culturais para que pudessem assistir a apresentações de música e

⁵ O Município do Rio De janeiro possui oito Lonas Culturais, criadas em 1993, as lonas têm o compromisso de promover a inclusão social dos moradores da zona Norte e zona Oeste. Com apresentações de música, teatro, dança e poesia a preços populares, além de cursos e oficinas gratuitas, estimulam a expressão artística de crianças, jovens, adultos e idosos que, em muitos casos, nunca tinham entrado em uma casa de espetáculos.

dança feitas por artistas locais. Dessa forma, além de conhecer as Lonas como espaço cultural, eles também tinham a oportunidade de conhecer e valorizar esses artistas do subúrbio que, embora talentosos, vivem invisibilizados pela grande mídia.



A atividade foi muito bem aceita por todos, se transformando em um grande acontecimento e assim passou a acontecer semestralmente. Isso nos levou a ampliar as participações, criando também espaços para apresentações dos próprios alunos, além das realizadas pelos artistas locais.

Após algum tempo, a SME iniciou a incorporação das creches públicas que, até então, estavam subordinadas à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). Nesse contexto, fui convidada a exercer a função de supervisora de creches, de forma a também acompanhar essa transição.

Foi necessário, então, que estudássemos melhor as especificidades desse nível de ensino e o atendimento a essa faixa etária e, por conseguinte, a SME, em parceria com a PUC-Rio, ofereceu, para todas as supervisoras e diretoras de creche, um curso de especialização em Educação Infantil, que teve como responsável a professora Sônia Kramer e sua equipe. Foram doze meses de encontros semanais que muito contribuíram para o meu desenvolvimento profissional.

Continuando esta história, na Divisão de Educação (DED), passei a exercer a função de Assistente da Direção, tendo como atribuição acompanhar o trabalho desenvolvido, pelas diferentes equipes, em todas as escolas pertencentes à coordenadoria, na época, composta por 145 unidades. Também acompanhei diferentes ações de formação continuada para os professores regentes. Essas ações eram planejadas no âmbito central e desenvolvidas de forma descentralizada para diferentes grupos de professores. Confesso que, naquele momento, flertei com uma prática de formação que hoje condeno. Imbuída de alguns ideais, não percebi que colaborava com uma prática formativa que alguns pensavam e outros executavam. Era o que Imbernón (2016) classifica de “modelo aplicacionista”, uma formação transmissora

que, muitas vezes, ignora os diferentes contextos, reforçando a crença de que todos devem saber as mesmas coisas.

Posteriormente, a SME, em parceria com a UNICAMP, ofereceu, para os diretores e um assistente das diferentes Divisões de Educação da SME, um curso sobre desenvolvimento humano e práticas sociais, organizado pela professora Ana Luiza Smolka, da UNICAMP. Foi nessa época que mais uma vez fui privilegiada com a generosidade de Reinaldo, havendo apenas duas vagas e três interessados, ele decidiu abrir mão de sua vaga para mim, pois considerava que seria mais proveitoso para o meu desenvolvimento profissional. Foi quando tive a oportunidade de me aprofundar nos estudos de Vygotsky e pensar com mais acuidade nas questões de aprendizagem.

Nessa época, fui convidada a integrar uma equipe de professores que atuavam em cursos de pós-graduação *lato sensu*. As aulas aconteciam nos fins de semana, em polos distribuídos em municípios do interior de São Paulo e do Rio de Janeiro. Assim, ministrei as disciplinas Psicogênese da Língua Escrita, Didática do Ensino Superior, Planejamento Participativo, Pedagogia Empresarial e Educação Especial. Após todos os dias úteis da semana com intenso trabalho, viajávamos na sexta-feira à noite e, durante todo o sábado e domingo, lecionávamos. Dessa forma, atuei nos polos do Guarujá, Bragança Paulista, São José dos Campos, Angra dos Reis, Parati e Mambucaba e em alguns polos na cidade do Rio de Janeiro, como Madureira, Jacarepaguá e Bonsucesso.

Considero que estas experiências reforçaram meu interesse pelo campo da formação de professores.

Como você sabe, Sara, a inquietude faz parte da minha subjetividade e “Apesar de” já estar com uma carreira consolidada na trilha profissional, decidi recuperar minha formação, participando de um processo seletivo para exercer a função de orientadora educacional na Prefeitura de Duque de Caxias, uma cidade da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Desprovida de certezas, mas com uma forte motivação, iniciei na nova função. Em Duque de Caxias, vivenciei experiências muito diversas e pude perceber que minha formação inicial havia me dado conhecimentos teóricos, metodológicos e epistemológicos para lidar com as rupturas, com os confrontos e com os dilemas de um campo educacional sufocado pela realidade social.

A primeira escola, em que trabalhei como orientadora educacional, estava localizada no terceiro distrito de Duque de Caxias, Imbariê. Era um local totalmente periférico: as casas não tinham água encanada, os mais afortunados possuíam poços artesianos e os demais nem isso tinham, o que levava muitos deles a providenciarem uma ligação clandestina nos dutos da Petrobrás.

Dentro desse contexto, a escola era o lugar mais organizado e prazeroso para esses meninos e meninas que pouco tinham. Meu trabalho era muito intenso para viabilizar que seus direitos fossem minimamente garantidos ou não violados. Vivenciei situações inusitadas, como a venda de uma menina de 12 anos

para um senhor de 50 anos, realizada pela própria mãe da menor; o abandono de uma menina, também de 12 anos, pela mãe e pelo padrasto, que deixaram a menor morando sozinha na casa. Essas são apenas histórias em meio a tantas outras que, diariamente, eram acompanhadas por mim. Mas, eu não queria ser mera espectadora. Meu desejo era garantir um mínimo de dignidade para esses alunos e alunas e preciso dizer que não era nada fácil lidar com tal realidade, exigindo de mim um intenso preparo emocional.

Posteriormente, consegui uma transferência para o segundo distrito, Campos Elíseos, local também totalmente periférico e sem respaldo de políticas públicas. A situação da comunidade era a mesma da anterior, com uma população extremamente desconsiderada pelo Estado. Essa escola ficava próxima à Refinaria da Petrobras e de um polo industrial com inúmeras empresas. No entanto, a população pouco se beneficiava disso. Muito pelo contrário, a poluição do ar, aliada à falta de saneamento básico, era causa de muitas doenças e acentuava ainda mais a precariedade das condições de vida do local.

Nessa escola, também vivenciei histórias complexas e desafiadoras sobre a condição humana. No entanto, ali, desenvolvi com mais intensidade o trabalho de formação continuada de professores, enfrentando muita resistência por parte daqueles que estavam acomodados com suas práticas e não desejavam mudar. Eu tentava democraticamente envolver todo o grupo, planejando momentos de estudos, levando estudiosos de diferentes áreas para conversar, buscando extrair contribuições

sobre os problemas do nosso cotidiano, mas ainda assim era muito difícil, especialmente porque as relações interpessoais não eram nada favoráveis entre os docentes que atuavam na instituição. Isso me remete à necessidade de os gestores criarem no ambiente escolar um clima respeitoso e amigável entre todos.



Foto do muro da E. M. Monteiro Lobato

Fonte: Acervo da autora.

Por todo o exposto, senti a necessidade de dar continuidade à minha formação acadêmica. Foi quando comecei a buscar programas que oferecessem Mestrado e, na sequência, fui aprovada nos cursos da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Na UFF, não

consegui ser classificada dentro do número de vagas disponíveis, uma vez que, na época, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, o investimento na pós-graduação era ínfimo, o que levava a instituição federal, em que fui aprovada, a oferecer apenas cinco vagas, quadro completamente diferente do que temos vivenciado após a expansão do Ensino Superior. Então, decidi ingressar no curso de Mestrado da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

“Apesar de”, o Mestrado se configurou como um momento muito rico de aquisição de novos conhecimentos, de construções de relações afetivas e de aquisição de importantes experiências acadêmico-profissionais. Foi durante a construção da Dissertação que conheci a pesquisa narrativa e, por ela, fiquei interessada e encantada. Minha pesquisa teve como título *Narrativa de duas experiências em turmas de Progressão em escolas do Rio de Janeiro*, tendo, como orientador, o professor Pedro Benjamin Garcia. Este trabalho teve como objetivo estudar quais as condições enfrentadas pelos alunos, em turmas de progressão, no aprendizado da leitura e, mais especificamente, no processo de formação do leitor. Nessa perspectiva, abordei a temática da inclusão e das práticas docentes, tendo como eixo articulador as questões culturais que podem determinar o sucesso ou o insucesso de alunos na escola. Para entender a pesquisa narrativa, dialoguei com os estudos de Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Guilherme do Val Toledo Prado, além de alguns representantes do grupo francófono, que despertaram o meu grande interesse por esse tipo de pesquisa.

A UCP fica localizada em Petrópolis, uma cidade serrana do estado do Rio de Janeiro. O percurso de minha casa até a universidade tem uma distância de aproximadamente 70 km e isso me fez decidir ficar hospedada dois dias por semana na serra. A hospedagem era dividida com mais três colegas de curso, Fabi, Rosana e Fábria. Todas bem mais jovens que eu, no entanto, isso nunca atrapalhou nossa relação, que era tecida de momentos de estudos, pesquisas e passeios que fazíamos após as aulas para conhecer melhor a cidade. Foi um tempo de aprendizados e prazeres.

No dia da minha defesa, chovia torrencialmente em Petrópolis. Era manhã de uma sexta-feira e, mesmo assim, a sala estava repleta de amigos e familiares que foram me apoiar nesse momento tão especial da minha formação. Com ele, a *quarta insubordinação*: me tornei Mestre em Educação.



Foto da parte interna da UCP

Fonte: <https://www.petropolisemcna.com.br/>

Terminado o Mestrado, intensifiquei um pouco mais meu trabalho na escola. Naquele momento, já possuía duas matrículas como orientadora educacional, pois havia realizado mais um concurso após ter sido aposentada na Prefeitura do Rio de Janeiro.

No âmbito pessoal, nessa época, tive que enfrentar o adoecimento de minha mãe, e com ele a missão de assumir o lugar de líder espiritual no terreiro de umbanda que ela inaugurou e comandou por mais de cinquenta anos. Que susto! Por que eu era a escolhida? Apesar de toda minha fé, isso não fazia parte do meu projeto de vida. Mas como abandonar o trabalho desenvolvido com tanta fé e amor por Dona Branca? O apoio recebido foi intenso. Meus irmãos entendiam que tinha que ser eu a pessoa que prosseguiria com o trabalho. Aceitei e, de repente, me fiz dirigente. De repente, mais uma vez, o rio mudou seu rumo e uma forte turbulência tomou conta de nossas vidas. Minha irmã Jorcelia, minha grande amiga e parceira foi diagnosticada com um câncer de pulmão. Do diagnóstico ao óbito foram apenas 30 dias e, no dia 11 de setembro de 2012, ela fez a grande viagem, nossa tragédia particular nesse dia marcado por tragédias coletivas. Agora, eu estava sozinha para cuidar de mamãe, trabalhar e dirigir o terreiro, embora meu irmão ajudasse muito, eu ainda tinha um imenso vazio a ser preenchido. No entanto, outras dores estavam por vir. Assim, seis meses depois, em abril de 2013, minha mãe fez sua partida, creio eu, ao encontro da filha, no plano astral.



Lembranças de minha mãe, D. Branca e da minha irmã Jorcelia.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

É, Sara, a vida realmente não é nada fácil, como minha mãe falava. Mas, acreditando na imortalidade do espírito e conseqüentemente na vida após a morte, prossegui firme e confiante, tanto no plano pessoal, como no plano profissional.

Mas, prosseguindo, como tudo muda e se transforma, a partir das várias aproximações com os professores, das suas práticas e das suas crenças, resolvi trilhar outros caminhos e, mais uma vez, “apesar de” já estar aposentada do trabalho desenvolvido na SME-RJ,

de já ser avó de Valentina e Gael, que me encantam e ensinam diariamente, candidatei-me a uma vaga de Professora Assistente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O processo seletivo foi muito disputado, aproximadamente 53 pessoas inscritas para apenas uma vaga na área de Gestão, Planejamento e Avaliação da Aprendizagem. Compareceram, para realizar a prova, cerca de 25 inscritos e apenas sete foram aprovados para a segunda etapa – que seria a prova prática. Lembro-me, com muita clareza, da banca e do meu desempenho naquela prova que me deixou em segundo lugar. Naquele momento, meu objetivo era trabalhar com a formação dos futuros professores, pois entendia que, assim, poderia contribuir de forma mais efetiva com a educação na qual acredito. Queria ver, de maneira mais próxima, como os professores eram formados nas instituições universitárias, compreender o porquê de eles chegarem às escolas com conhecimentos pedagógicos tão frágeis e distantes da realidade concreta. Foi assim que cheguei à Universidade Federal Rural, ao Instituto de Educação (IE) e ao Departamento de Teoria e Planejamento do Ensino (DTPE), para atuar nos cursos de licenciatura e, de forma mais específica, no curso de Pedagogia, após a criação de uma vaga que surgiu a partir da migração de uma docente para outra área.

Assim, após momentos de muita incerteza, pedi a exoneração da SME de Duque de Caxias, para poder chegar a minha *quinta insubordinação*: me tornei Professora Universitária.



Foto da fachada do Instituto de Educação da UFRRJ

Fonte: <https://institutos.ufrj.br/ie/>

O *campus* da UFRRJ é encantador: os diferentes prédios e localidades apresentam uma rara beleza e as pessoas que, por ali circulam, revelam o caráter multicultural da instituição, com indivíduos e grupos de diversos gostos e hábitos. Ali, comecei a conviver, mais de perto, com a formação de professores, com seus dilemas, com suas fragilidades e com suas utopias. A familiaridade com os estudantes me fez perceber que a grande maioria era muito entusiasmada com o curso, mesmo aqueles que ali chegavam por acaso. Abro parênteses para lembrar que, quando cheguei à universidade, fiquei muito assustada com tudo o que vi e até pensei em desistir para voltar à Educação Básica,

que era a minha zona de conforto e com a qual já estava acostumada.

A primeira reunião departamental foi assustadora. Pude assistir a um momento tenso do grupo, discutindo questões relativas à vida profissional de uma docente, que erradamente julguei estar sendo injusta, contudo, mais tarde compreendi melhor os argumentos utilizados.

No entanto, “apesar de”, quando as relações com os alunos começaram a ficar mais próximas, quando os diálogos começaram a nos constituir mutuamente, percebi que ali era o meu lugar.

Iniciei o trabalho universitário trabalhando com três disciplinas: Planejamento e Avaliação, Espaço de atuação do pedagogo e Filosofia da Educação Brasileira. Esta última disciplina, Filosofia da Educação Brasileira, era ministrada para uma turma de 2º período e os alunos deste curso, assim como eu, também estavam iniciando suas experiências formativas no espaço universitário. Revelei isso a eles e, então, iniciamos uma relação afetuosa, respeitosa e dialógica. Não havia imediatismo em nossas ações, e sim tempo para ouvir, para discutir e para trocar. Trabalhei com essa turma até o 7º período, lecionando em diversas disciplinas. Nessa época, houve várias aposentadorias e licenças para estudo, o que me levou a ficar responsável por várias disciplinas. No final, fui paraninfa da turma, ganhei de presente dos alunos, um livro do Gabriel García Márquez, lembrança sensível de nossa primeira aula, quando citei uma frase na aula da disciplina, Autobiografia e Formação de Professores. O título do livro? *Viver pra contar*. E não preciso dizer o

porquê desse presente tão significativo. Aqueles alunos e alunas sabiam da minha proximidade com as narrativas, eles também já haviam sido contaminados por essa ideia, pois, nas aulas, partilhávamos a escrita de autobiografias e memoriais.



Nesse momento, fazendo o registro da minha entrada na UFRRJ, percebo o retrato dos alunos de Pedagogia da UFRRJ: pessoas sensíveis e comprometidas com a sua formação, com o contexto educacional e com o outro. Nunca tive nenhum problema mais sério nas relações estabelecidas, além de o clima de trabalho ser sempre muito amigável, colaborativo entre os alunos, e igualmente entre

discentes e professores. Portanto, posso afirmar que, no curso, é cultivada por todos, a arte do encontro.

Quando selecionei esta foto, me lembrei com muita nitidez, de todos os alunos desta turma. Ainda guardo os seus nomes e características. Esta ideia partiu do Lopes, um aluno muito questionador e crítico, que depois de formado, foi aprovado em um concurso para trabalhar em uma cidade do estado do Rio de Janeiro, como professor das séries iniciais. Certa vez, ele me mandou uma foto acompanhado do Professor José Pacheco, lembra, Sara? Aquele da escola da Ponte, em Portugal. Ele estava desenvolvendo uma ação formativa para professores da rede onde o Lopes estava lotado. Junto à foto, Lopes escreveu a seguinte mensagem: *Professora, tenho conversado com o professor José Pacheco. Quero muito ter a oportunidade de apresentá-la e aproximá-los para que ele saiba quem me formou.*

Sara, você nem imagina como a alegria me atravessou nesse momento. A felicidade me transbordou, um sentimento maior me fez ter a certeza de ter alcançado aquilo que tanto desejava. Havia me tornado verdadeiramente uma formadora de professores.

Essa relação instaurada, entre mim e os alunos, levou-me a querer entender, com mais profundidade, a formação que estávamos compartilhando reciprocamente. Assim, algumas indagações passaram a me inquietar. Será que nossos objetivos estavam sendo alcançados? Como se dava a inserção profissional de cada um após a término do curso? Eles continuavam satisfeitos com a formação? Quais eram as suas críticas e

elogios? Qual o perfil do pedagogo formado pela UFRRJ? Trabalhamos em uma perspectiva plural ou unificadora? A formação que o curso proporciona é humanizadora ou baseada na racionalidade técnica e instrumental? O que pensam os egressos sobre os resultados alcançados em sua formação? É possível perceber o alcance das contribuições do curso para o exercício da profissão? Os egressos do curso continuam na profissão? Se sim ou não, por quais motivos?

Entendi que essas respostas poderiam nos levar a melhorar ainda mais a formação vivenciada, oferecendo subsídios para que pudéssemos repensar nossas práticas e princípios. Foi assim que eu me encontrei com o enigma de minha pesquisa de Doutorado, o curso de Pedagogia da UFRRJ, *campus* Seropédica.

Diante do exposto, entendo que é importante dizer que acredito no potencial da formação inicial como propulsora do desenvolvimento profissional dos docentes. “Apesar de”, foi por tudo isso que assumi iniciar minha pesquisa em um curso de Doutorado, mas foi também por sentir a necessidade de buscar novos conhecimentos e ideias que viessem a contribuir com a minha prática, pois entendo que devo isso à instituição em que exerço o meu ofício no magistério e, principalmente, àqueles alunos.

A escolha pela PUC-Rio se deu, inicialmente, pelo grande respeito e admiração que, há muito, tenho por esta instituição. Considero que o Programa atende aos meus objetivos e propósitos por ter uma larga tradição na pesquisa sobre formação de professores, o que também me ajuda a consolidar esse campo de

investigação na instituição em que atuo. Assim, movida pela vontade de continuar buscando respostas para minhas inquietações, participei do processo seletivo e ingressei, no primeiro semestre de 2018, no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, linha de pesquisa Trabalho Docente, Currículo, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas.

Em relação aos estudos do Doutorado, considero que fui assertiva em todas as escolhas que fiz, pois penso que todas as disciplinas cursadas contribuíram, de alguma forma, com minhas reflexões. Ter a oportunidade de dialogar com professores mais experientes possibilitou ampliar, de maneira significativa, meus conhecimentos sobre o campo educacional. Assim, é impossível não citar as aulas e os diálogos com Vera Candau, Zaia Brandão, Maria Inês Marcondes, Ralph Ings Bannell, entre outros. Por outro lado, os professores da nova geração, imbuídos do frescor de suas investigações, também tiveram um papel de destaque nessa experiência formativa.

A escolha da orientadora aconteceu após as aulas de Didática e quando optei por fazer um estudo individual sobre formação docente. Neste momento, percebi que os estudos de Silvana Mesquita estavam em consonância com o que eu pretendia realizar. Dessa forma, filiei-me ao grupo de pesquisa sobre a Profissão, Formação e Exercício Docente – PROFEX, coordenado pela professora orientadora, de forma a me enveredar, com mais profundidade, neste campo, além de poder contribuir, também, com minha pesquisa e com meus

estudos. Conforme nos deixou em seu legado e na epígrafe deste trabalho, foi o “apesar de” que me levou a uma angústia que, insatisfeita, foi a criadora de minha própria vida.

Moradora do bairro de Bangu, subúrbio do Rio de Janeiro, para chegar à PUC-Rio, pegava 4 transportes, levava cerca de 2 horas de viagem, que eram preenchidas pelo meu olhar curioso sobre o cotidiano das pessoas que transitam pela cidade. Assim, pude testemunhar a diferença dispensada pelos governantes à população dos diferentes bairros. Vi de perto como as necessidades dos moradores do subúrbio são invisibilizadas, como a falta de um transporte digno vai embrutecendo as pessoas que lutam para conseguir um lugar nos veículos que circulam extremamente lotados. Mas quando eu chegava à zona Sul da cidade, o cenário era totalmente distinto: ônibus e metrô vazios, limpos e organizados. Diante de tudo, posso dizer que o Doutorado me oportunizou refletir com mais intensidade sobre os dilemas da cidade onde vivo, pois transitava por diferentes áreas.

Importante também destacar as diferenças entre as duas instituições, a PUC-Rio e a UFRRJ. Enquanto a primeira é uma instituição comunitária/confessional, localizada na zona Sul do Rio de Janeiro, atendendo a uma camada privilegiada de nossa população, a UFRRJ está localizada no município de Seropédica, distante aproximadamente 70 km da capital fluminense, sendo uma universidade rural federal que atende, majoritariamente, alunos da classe popular, moradores da Baixada Fluminense e subúrbios do Rio de Janeiro. Preciso

mencionar, contudo, que a PUC também possui, entre os seus discentes, muitos alunos pertencentes à classe popular, que são atendidos com bolsas de estudos. Esta também foi a minha condição no Doutorado, eu era uma bolsista CAPES, assim como todas as minhas colegas.

Minha turma era composta por 15 mulheres de diferentes idades e experiências. No entanto, a cooperação era o nosso foco, não havia atitudes competitivas e nem individualistas. No grupo de *WhatsApp*, discutíamos conceitos, combinávamos encontros e almoços, indicávamos leituras e tentávamos nos apoiar mutuamente.



Foto da PUC-Rio

Fonte: <https://www.inf.puc-rio.br/departamento/historia/>

Ainda preciso dizer que, “apesar de” todo esse cenário produtivo e inovador para mim, no início do ano de 2020, em uma escala mundial, começamos a viver um triste período de nossa história, que nos isolou fisicamente de familiares e de amigos, que nos tirou da sala de aula em função de uma pandemia causada pela Covid-19. Eu já não tinha mais disciplinas para cursar, no entanto, estava no início da minha pesquisa. Assim, as orientações e o contato com minhas e meus participantes passaram a ser no formato on-line, dificultando ainda mais esse processo de produção de dados que já é muito complexo.

Diante de tantas incertezas e medos (inclusive de morrer ou perder pessoas queridas), decidi dar continuidade ao trabalho, como mais uma maneira de (re)significar a minha existência, embora, muitas vezes, tenha me questionado sobre a sua relevância neste momento tão singular da humanidade. Mas, como nos diz Clarice, “apesar de”, precisamos continuar.

Assim, dividia meu tempo, cuidando da casa, dos meus, da instituição que dirijo, estudando, pesquisando e produzindo. A tese de Doutorado tinha como objeto de estudo, o curso de Pedagogia da UFRRJ, *campus Seropédica*, procurando identificar qual a relevância social e acadêmica desta graduação na formação e na inserção profissional dos seus egressos. Foram feitas, então, muitas trocas de *e-mails*, mensagens de *WhatsApp* e telefonemas para que eu conseguisse que as(os) participantes, egressos do curso, produzissem as narrativas para a pesquisa, uma vez que optei por realizar um estudo de cunho qualitativo, com narrativas

autobiográficas. Olhar e refletir sobre essas narrativas possibilitou-me concluir que a relevância social e acadêmica do curso em questão está assegurada através da inserção profissional dos egressos nos espaços públicos, especialmente no contexto da Baixada Fluminense e no subúrbio do Rio de Janeiro, onde sujeitos, oriundos da classe trabalhadora, exercem a docência com compromisso, responsabilidade, autonomia e criticidade. Valores esses adquiridos, segundo os indícios encontrados nas narrativas, na formação inicial e prosseguidos através de práticas e reflexões humanísticas e autônomas.

Cabe abrir um parêntese para dizer que, no DTPE, encontrei duas amigas e parceiras de trabalho que também estavam envolvidas com a pesquisa narrativa: Luiza, parceira de outros tempos e espaços, e Adriana, que com seus saberes nos motivou a abrirmos o GRUPES – Grupo de Pesquisa Espaços de Saberes, com o objetivo de dialogarmos com os alunos sobre a formação de professores e sobre a pesquisa narrativa.

Foi por já transitar nesse campo metodológico que optei em realizar meu estudo ancorado nos pressupostos epistemológicos da pesquisa narrativa, (auto)biográfica, agora dialogando também com Clandinin e Connelly, Nóvoa, Josso, Christine Delory- Momberger, Pineau, Souza, Passegi, Abraão, entre outros.

A defesa de minha tese aconteceu no dia 16 de novembro de 2021, no formato on-line. A banca foi formada pelos professores Silvana Soares de Araújo Mesquita da PUC-Rio (Orientadora), Guilherme do Val Toledo Prado da UNICAMP, Helena do Amaral

Fontoura da UERJ, Maria Inês Galvão Flores Marcondes de Souza e Maria Cristina Monteiro Pereira de Carvalho, ambas também da PUC-Rio. Embora, o momento da defesa seja extremamente tenso, eu estava muito feliz, pois estava realizando a conclusão de um trabalho que, embora complexo, me trouxe muita alegria e prazer.

Pesquisar sobre a relevância social e acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-Seropédica, a partir das narrativas de seus egressos, me possibilitou resgatar e conhecer não apenas a gênese, mas as entranhas da implementação de um curso de graduação, seus percalços e evolução. A partir das análises das narrativas, fui percebendo o potencial formativo do curso, de como, com o nosso trabalho, modificamos a vida das pessoas, com especial destaque para aquelas que pertencem à classe popular. Assim, em minha tese, digo que:

Uma formação docente que se compromete com os ideais emancipatórios e críticos e conseqüentemente com os menos favorecidos, que rompe com a lógica reprodutora e instrumental, que por vezes se traduz nas práticas docentes, assume em seu projeto formativo a dimensão da sensibilidade e da afetividade, é uma formação que apresenta relevância social e qualidade acadêmica (Gomes, 2021, p.101).

São esses motivos que me tornavam feliz, mesmo nesse momento de tensão. Contudo, a presença de amigas e amigos, em nossa sala virtual, também alegraram ainda mais aquele momento. Além da banca, contei com a presença ilustre da professora Vera Candau

(PUC-Rio), que num gesto carinhoso e atencioso, acompanhou toda minha apresentação. Estava presente também a professora Vânia Leite (UERJ), que levou alunos de seu grupo de pesquisa para acompanhar a defesa. Importante citar ainda a presença dos amigos e amigas da UFRRJ que não soltaram a minha mão nessa etapa de minha caminhada profissional: Luiza Alves Oliveira, Ana Cristina Souza, Allan Damasceno, Miriam Morelli, além de outros, especialmente minha companheira de trabalho Adriana Alves, que mesmo não estando presente por motivos pessoais e profissionais, sei que estavam vibrando pelo meu desempenho naquele momento. Preciso dizer que pessoas muito importantes e especiais também me acompanharam: minha família – marido, filha, genro, netos e sobrinhos. Isso foi fundamental para mim, especialmente pelo exemplo que posso deixar para eles a partir de toda a minha trajetória pessoal e profissional. A partir daquele momento, Doutora em Educação, concluí minha *quinta insubordinação!*

Importante destacar, que acredito que foram as insubordinações ao destino pré-determinado a uma menina parda, umbandista e filha de operários, que me trouxeram até aqui, professora universitária, Mestre, Doutora, pesquisadora e formadora de professores.

A Pesquisadora

Preciso confessar que meu contato inicial com a pesquisa científica/acadêmica só teve início na pós-graduação, pois por ter feito uma graduação, no horário

noturno e em uma instituição privada, não tive a oportunidade de participar de grupos de Iniciação Científica, prática comum nas universidades públicas e que valorizam a pesquisa como produção de conhecimento, potencializando a formação de seus egressos. No entanto, posso afirmar que sempre tentei desenvolver o olhar pesquisador, mesmo nas mais simples experiências do cotidiano. Não tenho a soberba das certezas (Larrosa, 2004), sigo questionando e tentando compreender a realidade a minha volta, sendo sempre a pergunta e não a resposta.

As pesquisas, na Especialização, no Mestrado e Doutorado, me ajudaram a compreender que não podemos aceitar o mundo interpretado, precisamos estar abertos ao desconhecido para, em conhecendo, transformar aquilo que é possível em nós e no mundo. Dessa forma, acredito na perspectiva formadora da pesquisa, especialmente da pesquisa narrativa.

Hoje a pesquisa, para mim, tem a virtude de melhorar e potencializar a minha prática pedagógica, principalmente no que se refere à formação docente .

A formadora de professores

Ao olhar para minha história, revejo que, de várias e diferentes formas, sempre estive envolvida com a formação docente. Dessa maneira, vou me consolidando como formadora de professores através das experiências que acumulei ao longo de uma vida, mas, por ser inacabada e, na condição de formadora, procuro sempre novos conhecimentos que possam enriquecer o meu

trabalho. Desta forma, foi a partir dos estudos e atividades do GRUPES, que organizamos alguns livros, publicamos artigos e orientamos diferentes trabalhos, sempre e a partir da perspectiva narrativa. Nossos encontros acontecem de forma on-line, quando e onde estudamos, refletimos e produzimos.

Na mesma perspectiva, organizei, junto com a Professora Silvana Mesquita, minha orientadora do Doutorado, um livro com narrativas de jovens sobre as experiências vividas no contexto pandêmico.



Livro organizado com Silvana Mesquita⁶
Fonte: Site da Editora Pedro e João

⁶ Essa publicação também está disponível na *Revista Resenhas Educativas/Education Review*, uma parceria da ANPED com a Universidade do Arizona.

Ainda preciso dizer que compreendo a formação docente como a raiz do meu trabalho, uma atividade que envolve o diálogo, a reflexão e se vai forjando por meio de múltiplas relações e condições. Para Passegi *et al.* (2016), quando pensamos na formação de professores, precisamos pensar qual é a concepção de sujeito que nos orienta e o que denominamos de formação inicial, pós-graduada ou continuada. Não podemos esquecer que falamos de adultos em formação, que estão prenhes de experiências, expectativas e com ampla capacidade de refletir sobre si (Gomes, 2021).

É nessa perspectiva que diariamente entro em sala de aula, constituída e inspirada por minha própria história, que me conduz a ter o objetivo de formar os futuros professores que atuarão junto à classe popular do nosso país, desejando, diariamente, que eles se tornem profissionais capazes de agir de forma coletiva, emancipatória e autônoma, que sejam comprometidos com as lutas dos movimentos docentes, com sua categoria profissional e, conseqüentemente, com a sociedade e com os subalternizados.

Trazer minha história de vida é uma maneira de mostrar aos leitores que, como professora e pesquisadora que se dedica a estudar as narrativas e a formação docente, entro em campo atravessada por todas as minhas histórias e experiências. São elas que me constituem, são elas que podem justificar minhas opções e decisões, são elas que me modelam e me revelam. Entendo, também, que aquele que escreve, busca, na memória, as experiências vividas, os significados atribuídos a determinados fatos, os

sentimentos que foram evocados em circunstâncias específicas, as aprendizagens que foram relevantes, sendo, portanto, escritor, crítico e autocrítico, além de personagem da própria história. Para Bueno (2002), esse tipo de escrita tem um valor heurístico, pois “[...] a narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica” (Bueno, 2002, p. 21).

É, Sara, como você pode perceber, nossa história está repleta de muitas lutas e conquistas, digo nossa porque você vive em mim, me constitui desde o dia em que alguém sentiu a necessidade de me chamar de “Juaciárinha”, o que ficou esquisito demais e por isso virou Sarinha e, com o amadurecimento, virou Sara. Muitos nem sabem da existência das duas. Alguns só conhecem a Juaciara e outros apenas a Sara. Confesso que somos bem diferentes e isso nos completa.

Me despeço dizendo para você Sara, que com tudo que até aqui vivi, produzi e narrei, termino provisoriamente este memorial. Digo, provisoriamente, pois ainda pretendo viver muitas, intensas e insubordinadas experiências e, se possível, narrar, pois como nos diz Djavan (1992) “Se eu tivesse mais alma para dar, eu daria, isso pra mim é viver...”. Por eles....

Até nosso próximo encontro (auto) biográfico.





Nossa militância

Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Referências

ARROYO, M. G. **Vidas Ameaçadas. Exigências-respostas éticas da educação e da docência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRASIL. **Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da

subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, J. B. **O curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Seropédica, em questão: narrativas e percepções de seus egressos**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-Rio, 2021.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do Ensino e Formação do Professorado: Uma mudança necessária**. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil. In. BASILIO, L. C.; KRAMER, S. (org.). **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003 a, p. 51-82.

LISPECTOR, C. **Prazer, uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MESQUITA, S. S. de A. **O exercício da docência no ensino médio: a centralidade do papel do professor no trabalho com jovens da periferia**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica. PUC-Rio, 2016.

PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Portugal, n. 33, 2016. (Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) do Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

SARTI, Flavia Medeiros. O curso de pedagogia e a universitarização do magistério no Brasil: das disputas

pela formação docente à sua desprofissionalização. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e190003, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/i/2019.v45/>

Discografia

Djavan; Caetano Viana; VELOSO Caetano. **Linha do Equador**. UNS Produções: 1992.

VELOSO, Caetano. **Alegria, Alegria**. Philips: 1967. (Álbum Caetano Veloso).



De como me formei professora em cartas (que) contam histórias

Luiza Alves de Oliveira¹

[...]

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

*Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!*

(Manoel de Barros, 1999)

Carta primeira



Tia Vera, minha primeira professora,

Faz mais de cinquenta anos que nos conhecemos. Eu, menina com 6 aninhos e você, professora, mulher incrivelmente bela e intensa em gestos e palavras. O pátio da Escola Municipal Sampaio Corrêa, em Senador Camará, pulsava infâncias, gargalhadas e brincadeiras em uniformes brancos e azuis-marinhos, quando entrei na fila que se formava bem à sua frente. Fomos para a

¹ Docente na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus* Seropédica. E-mail: luiza.aoliveira@uol.com.br

sala de aula, eu e as demais crianças nos sentamos nas carteiras dispostas em grupos (e não em fileiras, como era costume) e começamos a ouvir suas histórias e encantamentos. Naquele dia, tomei uma importante decisão: queria ser como você, professora, mulher independente, para viajar o mundo e conhecer lugares além dos mapas e das fotografias dos livros didáticos daquela época.



Escola Municipal Sampaio Corrêa nos anos de 1970

Fonte: Imagem extraída do [Facebook da escola](#). Acesso em: 10 fev. 2024.

Certo é que o mundo de nossa sala de aula me parecia arrebatador. Os dias passavam repletos de aprendizagens, os vazios de um cotidiano de poucos recursos materiais eram preenchidos por experiências e palavras que você nos dava a ler e viver.

No momento em que escrevo a você, as lembranças dos meus primeiros anos, na escola, me chegam de mansinho e pousa em meus pensamentos a imagem do grande poeta Manoel de Barros. Talvez porque, criança, eu vivesse entre árvores e bichos na casa de meu avô, mas também pode ser porque foi você, tia Vera, que me apresentou o mundo da poesia e seus encantos.

Manoel de Barros (1999) escreveu poesia sobre águas e meninos e, em uma delas, contou sobre um menino que carregava água na peneira. Ele usou esta metáfora para contar do poeta que faz poesia para encher vazios com peraltagens e despropósitos, que modifica a tarde com chuva e faz “pedra dar flor”. Quando li esse poema, ainda menina, desconfiei de que a metáfora talvez transbordasse excessos – mas exageros não são pertencimentos de poetas? – e guardei comigo a ideia de que escrever era como realizar impossibilidades.

O improvável era presente no meu passado de criança e assim foi por muito tempo, pois mesmo sem saber ler e escrever, a menina que (ainda) vive em mim, me traz a imagem embotada de livros desejados das estantes das casas que eu visitava, e de tantos outros que você, minha professora, me apresentava em sala de aula. Naquela época, era difícil entrar no mundo letrado se a infância fosse nascida em ambiente pobre e de pouca ou nenhuma escolarização. Era assim comigo e com tantos outros que desejavam “carregar água na peneira” usando palavras escritas.

Antes de entrar na escola e conhecer você, enquanto as letras não eram desvendadas em seus segredos de

sons e grafemas, eu fazia meus dias no grande quintal da casa de meus avós. Nascida no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, cresci em meio a brincadeiras com bichos, plantas e gentes. Mas os encantamentos vinham mesmo nas histórias contadas por um avô proseador, que não frequentou escola e desvendou sozinho, em jornais largados ao relento, o enigma que fazia as letras formarem palavras e criarem (outros) sentidos.



Bebê no quintal da casa dos avós

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Vô José era homem forte e de muita fibra. Seu passado fora tecido de dores, ausências, superações e muitas estradas. Era caminhoneiro e, embora tivesse

feito paragem no coração de minha avó e com ela tivesse seis filhos, seu coração desassossegado vivia em descaminhos. Porém, como ele conhecia de cor vias e rumos, seu retorno à casa era sempre motivo de festa e aconchegos. Com vovô José, chegavam mais histórias, segredos e amores escondidos em lembranças de quem sabia partir e voltar.

Lembro pouco de minha avó Nenzinha, apaixonada pelo marido e sofrida de tantas ausências. Nesse relâmpago de memória, ela me aparece cozinhando, cuidando, enfeitando os cabelos para ser mais bonita do que já era. Imagens que se misturam com a mulher deitada em cima de uma cama, dependente de tudo e de todos para comer, beber e se locomover após ser acometida por seguidos derrames cerebrais.

Estranho que, neste meu esforço de preencher os espaços vazios da tela do meu computador e assim falar da minha formação docente para você, minha primeira professora, as pessoas que inicialmente me aparecem materializadas em palavras são meus avós paternos. Quando penso sobre essa escolha, suspeito que os fios de minha história docente começaram suas tramas bem antes de eu ter consciência de que a docência seria uma escolha de vida.

Como você sabe e conheceu de perto, meus dias de menina eram repletos de afetos, chegadas, partidas. Sou irmã mais velha de uma família com três filhas, pai e mãe com vida financeira e cultural bastante acanhada. Um graveto, um pedaço de papel de pão, pedrinhas, pequenas flores, tudo era motivo para enfeitar os dias com brincadeiras e cores. As irmãs mais novas gostavam

de seguir meus passos vacilantes, mas isso não era algo planejado, hoje sei. Como era bom aprender e ensinar coisas para e com minhas irmãs, principalmente quando eu estava já aprendendo as artes das letras. Uma rotina de brincadeiras, espaços de terra e bichos, comida quentinha de minha avó e histórias do meu avô faziam meus dias de criança ao lado de pai, mãe e duas irmãs.



Irmãs

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Aquela pequena menina, que vivia encantamentos no quintal da casa do avô, adorava estar em meio a livros e não sabia muito bem como satisfazer esse desejo, já que o espaço de sua família era humilde, com baixos níveis

de escolarização e quase nenhum acesso a suportes de leitura impressos. No meu pequeno mundo, circulavam alguns poucos jornais, livros de contabilidade entulhados em um pequeno armário e que fizeram parte dos raros momentos de estudos de um tio jovem, um dos poucos da família que concluiu o antigo curso científico. Era menina em uma casa onde o quintal era uma imensidão de distrações e onde me perdia com pedaços de letras impressas, mesmo que elas não fizessem sentido para mim.

Lembro dos raros livros que ganhava de presente de minha madrinha – professora – os quais devorava no momento daquele presente. Hoje, vejo que a menina leitora já se encantava com as palavras que escasseavam o mundo dela. Na aprendizagem da leitura e da escrita, ela aprendia a “carregar água na peneira” e nunca se esquecia dos ensinamentos de sua mãe quando dizia, entristecida, por ter sido obrigada a abandonar a escola, assim que aprendeu a ler e escrever palavras simples e o próprio nome, que eu deveria estudar para “ser alguém na vida”.

Pelo tanto que minha mãe repetia, peguei gosto por querer ser alguém na vida e, sempre que pensava em sua repetida afirmação, desconfiava de que ela e os outros de minha família não se consideravam alguéms ou não se viam como gentes de direitos. Éramos mais uma família invisível ao poder institucionalizado pelas elites deste país, vivíamos por teimosia e, de modo especial, naquele contexto, a sabedoria de minha mãe me fez enxergar além do horizonte que me era negado todos os dias. Confesso que, depois de minha mãe, foi você, minha

querida tia Vera, que me fez decidir o que queria ser quando crescesse. E olha que nem cresci tanto assim...

O que aconteceu depois foi que eu acabei tomando o rumo de ser professora e comecei a fazer isso como explicadora de outras crianças nos fundos da casa de minha mãe. Naquele momento, era uma menina, no meio de outras meninas e meninos, que tentava explicar conteúdos que eu mesma aprendera há tão pouco tempo. Toda essa dificuldade se embaçava quando me lembrava de você.

No meio do meu pequeno mundo, a escola pública dos anos iniciais do ensino fundamental abriu a primeira porta desse novo caminho, apresentou-me a você e me deixou ver outros trajetos para além do quintal da casa onde eu morava. A escola era pequena, localizada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, bem pertinho da minha casa, coisa de dar alguns passos e já entrar no portão daquela edificação imponente, pintada de branco e com a bandeira do Brasil sempre pendurada no mastro. Nela, eu aprendi as letras e o mundo com você, uma professora que era uma grande contadora de histórias, assim como meu avô.

Tia Vera, como carinhosamente ainda a chamo, você foi minha professora da primeira à quarta série do antigo Primeiro Grau. Fecho meus olhos e ainda a vejo: mulher de imensidões que confessava suas muitas histórias para seus alunos atentos. Dentre tantas, eu adorava ouvi-la falar de seus causos, como integrante do Projeto Rondon², mantido e reconfigurado durante a

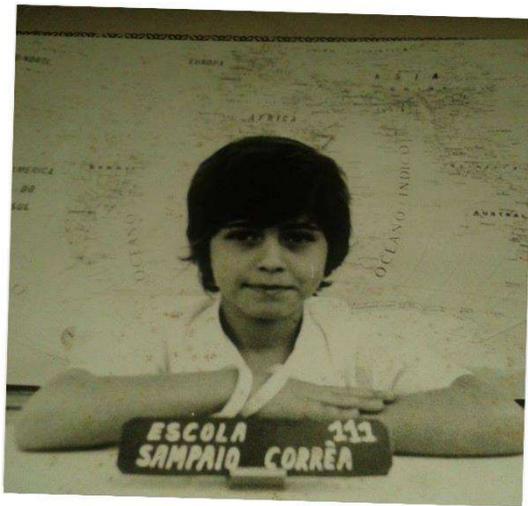
² O Projeto Rondon, criado a partir de um Grupo de Trabalho, em 1966, tinha por objetivo “[...] motivar a participação voluntária da

ditadura militar do Brasil. Naquele momento, eu era mais uma criança, como tantas da periferia da cidade, que nem sabia o que a história de um tempo de exceção, privações e violências contra a liberdade, significava para minha vida. Impossível não lembrar que, no início de cada ano, logo após as férias escolares, você voltava com novas histórias, enfeitadas com cocares, arco e flecha. Você contava de um mundo que não conhecíamos e isso tinha lá um toque de magia diferente e que não estava nos contos de fadas que eu conhecia de ler e ouvir contar.

Definitivamente, hoje sei que minha primeira referência de professora foi você. Você impactou e me envolveu na profissão docente a ponto de querê-la destino. O encantamento pelas palavras e pelo seu poder de (re)construir histórias, levou-me ao curso de formação de professores – o curso Normal.

Volto meu rosto para essas embaçadas fotografias e nelas reconheço tantas histórias, mas, diferente do “anjo da história”, no quadro *Angelus Novus*, de Klee, descrito por Benjamin (2019), o conjunto de fatos que me chegam não são uma catástrofe, mas sim um passado intencionalmente presente no meu presente (Benjamin, 2019). Por isso mesmo, nesta missiva, evoco as vivências da menina para dar sentido à professora e pesquisadora que sou hoje, no gesto de imersão no tempo em busca de compreender sua incontrollável passagem.

juventude estudantil no processo do Desenvolvimento, da Integração Nacional e da Valorização do Homem, em cooperação com o Ministério da Educação e Cultura” (Brasil, 1975, Art. 1º, § 1º).



Estudante na Escola Sampaio Corrêa

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O tempo faz menores os dias. Parece que a vida se encosta num canto, de tão cansada. Em criança, o tempo parecia mais leve e longo. De um Natal a outro parecia durar cem anos. Era muito longe. Hoje, ele é curto e demanda cuidados (Queirós, 2009, p.21).

Sim, estou certa de que o tempo é lugar de descansos, urgências e cuidados e isso talvez só a poesia consiga explicar. Mas quero, a partir dessa afirmação, prosseguir em minha história que aprendeu a viver a docência ao seu lado, no primeiro ano do ensino fundamental.

Como Bartolomeu Campos de Queirós (2009), em seu livro *Tempo de voo*, sou acordada por minha história, em palavras e fotografias, e até meu rosto, hoje “mais trincadinho”, e com rugas, revela as marcas das histórias dos muitos outros sempre tão presentes em mim. Nesse movimento, sou resgatada de tempos que, sozinhos, não fazem sentido se não se fizerem espaços. Espaços-tempos de família e escola, vividos intensamente desde quando nos encontramos: eu, menina aprendiz, e você, professora contadora de histórias.



Figura 4 - Menina e estudante em retratos

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os dias ao seu lado, minha querida professora, eram tempos grandes, em tamanho e querer, mas nem

por isso dispensavam cuidados. Eu vivia despropósitos e aprendia a “carregar água na peneira” em cada história que você trazia para nosso pequeno mundo. Era como se os causos, que meu avô contava, não terminassem nunca, pois eles continuavam nas palavras que eu aprendia a ler e ouvir como sua aluna. Hoje, todas essas histórias continuam tão presentes em mim, assim como você. Falo de uma presença pulsante, que me pegou pela mão no desejo por saberes e na escolha pela docência.

Confesso que queria dizer mais do tanto que aprendi ao seu lado nos quatro anos iniciais de meu processo de escolarização, mas esta carta já se faz tão longa e não a quero enfadonha. Além disso, minha escrita jamais será capaz de registrar as experiências que me atravessaram como sua aluna. Mesmo assim, senti um desejo incontrolável de escrever para você ao pensar em como me constituí na docência. Nos tantos retalhos que me compuseram e me compõem como professora, consigo identificar a tia Vera que me veste e integra.

Alguns podem até achar que esta carta é uma reparação ao reconhecimento tardio de sua importância em minha vida, tia Vera, mas definitivamente não é. Até porque já tive a oportunidade de dizer isso a você reiteradas vezes. Escrevo aqui, principalmente, para compreender melhor sobre quem sou e como os rastros das experiências me fazem hoje formadora de outros professores e também pesquisadora.

Hoje, me coloco a pensar sobre o sentido e significado de ter uma “tia Vera” em minha história e um desejo incontrolável de brincar com as palavras me acomete, tal qual você me ensinou em suas aulas. Seu

nome está atrelado ao sentido de “vera”, como verdade, em minha vida. Mas, também sei que Vera trouxe o verão, iluminou meus dias de inverno e pouca luz que me esperavam em destino de menina das classes populares.

Peço licença a você para dizer ainda que articular o tempo de minha entrada na escola de maneira narrativa (Ricoeur, 2010) é, para mim, uma forma de contar da minha experiência de humanização, de refletir sobre as marcas que hoje imprimem em mim o desejo pela humana docência. Resgatar o sentido de humanidade na contemporaneidade, para mim, é trazer novamente a tia Vera, a verdade e o verão para dentro dos meus dias.

Obrigada por viver em mim e me ensinar que o mundo cabe em minhas mãos!

Quando a saudade me traz lembranças de felicidades clandestinas, como em Clarice.

Carta segunda



Querido Reinaldo,

Os últimos tempos têm-se mostrado difíceis, meu amigo. A cada notícia que chega das políticas de educação em nosso país, sua lembrança me chega a ponto de doer em saudades. Vivemos todas as formas de violência cotidiana e a que remete a modelos de exclusão, contra os quais você tanto lutou, parece ter alcançado a categoria de normalidade, e poucos há que ainda se indignam diante de práticas preconceituosas, homogeneizantes, capacitistas e excludentes. Sua ausência deixou uma intransponível lacuna para a educação e pensar que não posso mais aprender com você ainda é algo não superado.

Neste momento, escrevo para refletir sobre meu processo formativo como professora e não posso narrar como a docência me aconteceu (e ainda acontece) sem pensar no interlocutor e amigo Reinaldo José.

Mergulhei em minha história e de lá trouxe os fragmentos que agora escrevo, tentando compreender como me inscrevi no contexto dos saberes e da docência. Lembro que sua história se embaraçou a minha desde que você foi meu professor de crisma, na Paróquia Nossa Senhora da Lapa, em Senador Camará. Dali em diante, foram (re)encontros em diferentes espaços-tempos e tais vivências ainda hoje são memórias nítidas quando fico a pensar pensamentos. Fizemos o curso Normal –

Formação de Professores – no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, lecionamos na mesma escola, inauguramos um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), até que nosso encontro, neste plano, rompeu-se com sua partida quando atuávamos na 8ª Coordenadoria Regional de Educação. Penso que resgatar as marcas da minha história docente inclui, necessariamente, trazer sua história e a de tantos outros em minha vida.

A partir da escolha que faço para contar de minha formação, não consigo me (re)conhecer professora, apenas quando entro na sala de aula de uma escola pública da periferia do Rio de Janeiro, ainda com 18 anos. Meu relato (pré)configura a localização de um tempo de uma formação em (re)começos. O tempo-lugar de uma jovem mulher que realizava ali, o sonho de ser professora, que fora negado a sua mãe e que buscava recuperar o tempo sem livros com a aquisição de exemplares que há muito queria ler. Posso mesmo fechar meus olhos e ver cada rostinho buscante de meus alunos e alunas, em uma manhã de maio de 1985, quando professora concursada, entrei em uma sala de aula pela primeira vez. Esse relâmpago de tempo se mostra longe e contraditoriamente também muito perto da professora universitária de hoje. Eu era assim, em minha primeira entrada na docência dos anos iniciais, uma menina de rosto bem lisinho e sem as muitas marcas que carrego hoje comigo.

Foram anos (re)aprendendo e ensinando a “carregar água na peneira”, como Manoel de Barros, e você, meu amigo, percorreu grande parte dessa história

ao meu lado. Foi meu colega como professor, mas também foi meu diretor, chefe, e nunca deixou de ser meu amigo. Nesse processo, eu me transmutava, na professora de anos iniciais, em escolas quase sempre localizadas onde a fome e a pobreza de bens materiais e culturais ditavam as regras do viver, do dizer e do ser. Turmas sempre cheias, repletas de alunos ávidos pelos saberes do mundo e dos homens e mulheres adultos. Das antigas Classes de Alfabetização (C.A.) à 4ª série, foram centenas de alunos, com quem aprendi a me fazer docente, meio professora e quase sempre "tia" de crianças que pulavam no meu colo, pousavam suas mãos em meus cabelos compridos e repetiam que, quando crescessem, queriam ser iguais a mim. A responsabilidade, então, me arrebatava do mundo real e me levava ao mundo das magias, onde contava e lia inúmeras histórias para adormecer a dor de ensinar e aprender em uma sociedade tão desigual. Mas foi com meninos e meninas de Senador Camará e Bangu que descobri que a fome de vida também mata, corroendo, pouco a pouco, a esperança de dias melhores. Em nossas conversas, querido Reinaldo, eu me via menina de ausências, assim como você e nossos alunos, pois tínhamos em comum a origem pobre, periférica e de escassas práticas de letramento.

Enquanto (re)nascia para o magistério, a professora também buscava palavras outras e cursava, concomitantemente, a faculdade de Letras - Português/Literaturas, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Foram tempos de muitos obstáculos e não fosse você, meu querido, teria sido impossível completar

a licenciatura. Lembro-me que dava aulas até 17 horas, mas o trem, que eu pegava para ir à faculdade, passava na estação às 17 horas e 10 minutos. Então, você sempre conseguia alguém para ficar com as crianças, nos minutinhos finais, para que eu saísse às 16h e 55 minutos e pudesse apressar meus passos, quase que em forma de corrida olímpica, e assim embarcar no trem que, naquela época, quase nunca atrasava. Suas atitudes solidárias e humanas se espalhavam por toda escola e sempre havia quem colaborasse, inclusive alunos e responsáveis. Foi nessa época que lia compulsivamente tudo o que o curso de Letras me oferecia e o trem era meu lugar de leituras. Quanto mais lia e mergulhava nos livros acadêmicos, mais me incomodava ser a professora que era. Então, a cada dia, eu (re)nascia outra. Refazia-me na poesia de Drummond, Pessoa, Lispector e de tantos outros autores para transmutar o espaço da sala de aula com palavras de encantamento, quase infantis, em estado de gérmen e que, naquele momento, só eram possíveis na pluralidade de sentidos que a linguagem verbal comportava (e ainda comporta). Assim, as leituras das palavras se multiplicavam na medida em que a professora superava a infância de poucos livros, mas muitas histórias e com o apoio incondicional de um grande professor e amigo.



Nas Letras, reencontrei-me “carregando água na peneira” como aprendiz, graduanda e já professora em salas de aula de escolas públicas. Diplomada e licenciada em português e literaturas, passei a habitar o tempo de professora de Língua Portuguesa na mesma rede de ensino e fomos nós dois a inaugurar um CIEP. Fiquei como responsável pela sala de leitura e ali também muito aprendi sobre ser mediadora de leitura para crianças que traziam as mesmas marcas de exclusão inscritas em mim. Os lugares, em que habitei a docência ao seu lado, sempre na periferia e diferentes geograficamente, não me mostravam distâncias quando o assunto era miséria,

exclusão, fome e violência. Tempos-espços de encontro entre a minha história e as histórias de meus alunos e alunas. Depois, meu amigo, você ampliou o atendimento do CIEP e passamos a receber turmas do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Você, professor de matemática, eu eu, professora de língua portuguesa, praticamente das mesmas turmas. A partir de então, eram tempos curtos, 45 minutos cada aula, e me agarrei com mais força às palavras que me davam sentido ao que fazia e ao que era. Gostava de contar histórias e de buscar sentidos na literatura para aprender sobre a língua portuguesa escolarizada. Intuitivamente, (per)seguiu o tempo da arte para me povoar de mais palavras e muito mais gente ainda. Só mais tarde fui capaz de compreender o que eu buscava em tempos de minha segunda entrada na profissão, e que Larrosa (2004b, p. 153) traduziria ao afirmar:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como juntamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

Das minhas antigas turmas da segunda etapa do ensino fundamental, vêm-me palavras que me fizeram tantas coisas. Carrego a lembrança de rostos infantis, meio crianças, quase adolescentes, que faziam poesias, dramatizavam lendas, romances e fábulas, redigiam jornais escolares, criavam histórias em quadrinhos, reviviam programas televisivos, sob a minha supervisão e de colegas de outras disciplinas. Verdadeiras aulas

interdisciplinares, as atividades, que vivenciei durante estes anos, fez germinar a professora encantada pela magia do fazer docente com responsabilidade e compromisso coletivos. Naquele cenário, era fácil trabalhar coletivamente, pois tínhamos seu apoio e total envolvimento como diretor.

Ao voltar meu rosto para esses momentos de minha história, me (re)conheço como uma docente que não queria a si mesma como uma profissional que reproduz receitas e técnicas. Em minha memória, encontro meu ofício impregnado de reflexões e diálogos junto a meus alunos e outros professores que idealizavam uma outra escola: mais crítica, autônoma, organizada em torno de objetivos comuns e intencionalidades pedagógicas. Foram dias em que vivi em escolas dentro das escolas (Cavaco, 1995). Diante dessa diversidade, nada se perdia, pois sua gestão sempre foi comprometida com todos e com cada um. As escolas que funcionavam no CIEP cumpriam seu papel de garantir a diversidade, incluíam todas as gentes, mesmo alguns meninos que, por um tempo, insistiam em invadir o CIEP para pequenas vadiagens. Você os convenceu, meu amigo, a se matricularem e alguns deles continuaram sua formação até o ensino médio, pelo que sabemos.

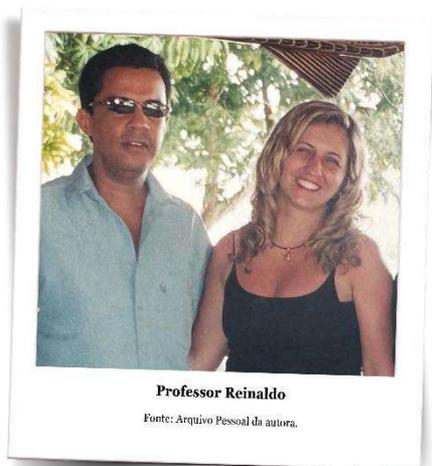
À parte de um retorno ao passado, meu esforço de escrita autobiográfica se inscreve em busca de um sujeito epistêmico em um sujeito biográfico, tal como Passeggi (2016), em seu texto sobre narrativas da experiência na pesquisa-formação, evoca a metáfora da impossibilidade de se rasgar separadamente as duas faces de uma mesma folha de papel (Saussure, 2006, p. 131), para explicar que,

de “[...] modo semelhante, o sujeito epistêmico seria o anverso e o sujeito biográfico o verso” (Passeggi, 2016, p. 71) e, sendo assim, indissociáveis.

Não diferente, minha narrativa aqui também se discorre, interfaceando o sujeito biográfico e o sujeito de conhecimento. Escrevo e inscrevo minha história de vida em formação que extrapola as salas de aula e me conduz a cargos de gestão em uma Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e na Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade do Rio de Janeiro. Nesses espaços-tempos, “carreguei água na peneira”, atuando na formação de professores em serviço, ao mesmo tempo em que precisava cuidar de um casamento fracassado e de duas filhas, tudo isso junto aos estudos de Mestrado. Mais uma vez, assim como foi no período da licenciatura, meu amigo Reinaldo, você me deu o apoio de que tanto necessitava.

Durante dez anos, em que trabalhei na 8ª CRE, conheci gente apaixonada pela docência e outras que queriam apenas estar longe das salas de aula. Convivi com os melhores profissionais que pude conhecer, mas também com alguns que limito a caracterizá-los como sofríveis. Vivi alegrias, dores, aprendizagens e insurgências. Mas foi neste espaço-tempo que você resolveu partir deste plano para brilhar em outra dimensão, virando estrela tão precocemente. Reinaldo, você foi, sem dúvida, um grande incentivador de meus estudos de Mestrado e de um Doutorado que eu viria a materializar tempo depois. Além de me ensinar novas “técnicas” de “carregar água na peneira”, você foi alguém que muito contribuiu para que eu me tornasse

quem sou, “[...] sem exigir imitação ou sem intimidar, suave e lentamente [...]” (Larrosa, 2004a, p. 52), você foi um grande professor.



Meu amigo Reinaldo, você não era sagaz apenas em questões educacionais, mas muito sabido quando se tratava de juntar gentes responsivas, humanas e bonitas. Foi através de sua amizade e profissionalismo que tive mais um encontro feliz em minha temporada na CRE. Foi lá que você me apresentou a uma grande amiga – Juaciara, ou Ju, como gosto de chamá-la – parceira de vida, sonhos e profissão que, tempos depois, o destino me permitiu reencontrar na universidade. No momento em que conto esta parte da história, recupero aprendizagens e afetos que vivemos juntas, eu e Juaciara, e suspeito que forjamos um pacto de sermos para sempre juntas a ponto de agora construirmos memórias em cartas e podermos escrever nossas histórias de vida em formação. De alguma forma, meu

amigo, sua ausência se fez presença em minha escrita e, em vez de vazio, você deixa mais uma grande amizade para preencher meus dias.

Ingressei no doutorado logo depois, pois guardava em mim o seu desejo (e meu também) de ter uma amiga doutora, afinal. Foram tempos mais curtos a partir de então, embora sua lacuna física mantivesse sua presença em memórias. Ser mulher, mãe, trabalhadora e pesquisadora é um desafio, principalmente quando se vive sob o jugo do machismo estrutural e estruturante de uma sociedade reacionária. Minha memória traz o tanto de esforço desse tempo de superações e desencantos. Sou capaz de (re)sentir o não-pertencimento àquele lugar, acadêmico e academicista, e ainda posso ouvir o sussurro de uma voz a me questionar se aquele seria mesmo meu lugar e momento de ser e estar. Esforcei-me ainda mais e desenvolvi uma pesquisa sobre escrita de professores – registros pessoais e registros oficiais da profissão docente –, perseverando na ideia da escrita como processo formativo. A pesquisa, em diálogo com as palavras dos professores, me revelou, com tristeza, que os profissionais abandonavam os registros pessoais em função dos registros determinados pela profissão. E, aqui, cabe-me lembrar o teórico que muito me auxiliou a refletir nesse percurso investigativo:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (Bakhtin; Volochinov, 1986, p. 36).

Compreender, portanto, à luz de Bakhtin/Volochinov, a palavra dos professores, é entender também a sua realidade naquele momento, é refletir sobre as mudanças estruturais que cercam a sua atividade docente e, nesse sentido, perceber o quanto os mecanismos de opressão determinam formas de ação e de atuação sobre o mundo e de percepção de si em relação ao mundo. Identifiquei, assim, o cerceamento da palavra no registro dos professores que colaboraram com minha pesquisa naquele momento. Mais difícil ainda foi constatar que, tempos atrás, nós dois acreditamos que escrever sobre a prática pedagógica seria um caminho para um processo de reflexividade sobre o fazer docente. No entanto, mais uma vez, as políticas governamentais deturpam a essência da proposta e impuseram um registro burocrático sem sentido para os docentes. Tenho certeza de que você iria ficar decepcionado com o rumo que tomou essa história, meu amigo.

Tanta coisa foi acontecendo depois, Reinaldo. Paralelamente às vivências na CRE, SME e estudos de pós-graduação *strico sensu*, fui docente em Instituições de Ensino Superior privadas, assumi ações e compromissos incontáveis, como um imenso tecido, bordado e costurado a muitas mãos. Destaco, nestes retalhos e experiências, o desenvolvimento de projetos voltados para a formação inicial e continuada de professores a nível local e de políticas governamentais, como o Programa Pró-Letramento (2010-2012) e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC (2003-2015).

Enquanto a mãe, esposa, profissional e pesquisadora se equilibravam na corda bamba dos dias, a escrita acadêmica exigia superações e se apresentava como fios a tecer outras histórias e a me apontar novos caminhos. Assim, iniciei meu processo de aposentadoria como professora da Educação Básica e ingressei como professora-pesquisadora em uma universidade pública. Declaro, querido Reinaldo, que, até aquele momento, só conhecia a dimensão do ensino no Ensino Superior. Trabalhando em instituições privadas, eu havia deixado a pesquisa estacionada nos estudos de Doutorado e escassas foram as tentativas de estudo e pesquisa para além das salas de aula.

Carregada de inquietudes e desejos de insubordinações, adentro a universidade pública, gratuita e socialmente referenciada, com uma grande inquietação: como eu poderia contribuir para a formação de professores que reconheçam a diversidade, respeitem as diferenças que constituem subjetividades e sejam capazes de construir uma educação para todos e para cada um? Em vez de resposta, encontrei muitas outras perguntas e passei a compartilhar de novas questões. Acho que você ficaria tão orgulhoso de mim!

Ainda bem que as inquietações, dúvidas e sonhos vieram acompanhados de novos e antigos parceiros e a minha chegada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) se materializou em confluências. Lá, reencontrei as mãos de Juaciara e juntas encontramos as mãos de Adriana. Passamos a formar um trio, cujo pacto estabelecido foi nunca mais soltar a mão de ninguém. As três já conheciam bem as artes de “carregar água na

peneira”, tinham origem na classe trabalhadora, vivências na Educação Básica, eram apaixonadas por narrativas e carregavam sonhos de vida e formação. Passamos a compor um coletivo de três docentes com seus orientandos em formação.

A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém (Larrosa, 2004a, p. 53).

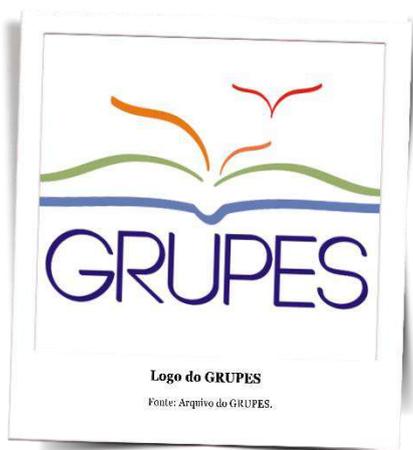
Como afirma o autor da citação acima, quando traz reflexões sobre a aventura da formação, a partir de Peter Handke, eu, Adriana e Juaciara entramos em uma viagem que sabíamos aberta e que acontecia no momento de nosso encontro. Foi uma confluência de histórias que muito me fez recordar a interseção de nossos caminhos, meu amigo. Juaciara era amiga de tempos em comum e Adriana abriu-nos a possibilidade de uma nova configuração acadêmica e de vida. Em nossa jornada como professoras na universidade, construímos momentos de sedução, desestabilizamo-nos e nos colocamos disponíveis para nos deixar atravessar por inúmeras experiências. Neste ponto, minha voz ganha polifonia e passa a ser (trans)formada pelos diálogos, palavras e ações em convívio, mas que ainda trazia sua voz e a presença amiga, querido Reinaldo.



(Re)encontros na universidade

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A junção das histórias de vida das três docentes possibilitou que criássemos um grupo de pesquisa: Grupo de Estudos Espaço de Saberes (GRUPES). Idealizamos que este seria um espaço-tempo de aprender com todos e com cada um. A pesquisa narrativa nos unia como abordagem teórico-metodológica de estudos e inquietações, mas algo se mostrava ainda mais potente entre nós: a humana docência idealizada em nosso percurso de formação. Acho que, se você aqui estivesse, meu querido amigo, adoraria estar conosco discutindo, dentro de sua racionalidade matemática, o necessário (re)conhecimento das histórias como formadoras de gentes.



Sabe, Reinaldo, depois da criação de nosso grupo de pesquisa, passamos por uma crise sanitária mundial. Esse tempo foi de muita reflexão e novas aprendizagens. Foi preciso (re)configurar a professora que era e que eu (re)conhecia em mim. Sem dúvida, vivemos um dos períodos mais estaremcedores de nossas vidas com a pandemia de Covid-19. Naqueles dois anos mais críticos, 2020 e 2021, segurei bem firme nas mãos de Adriana e Juaciara. Decidimos que preencheríamos nossos dias, vazios de presenças e fazeres docentes, de palavras (que) contam. Organizamos três livros com narrativas de professores do Ensino Superior, de professores da Educação Básica e de crianças. Nosso objetivo foi sobreviver às adversidades, espalhando histórias que contavam de existências e resistências durante o período de isolamento social, crise sanitária e ameaça à vida. Tal qual a menina que se perdia em desejo de letras e livros, mergulhei em escritas e leituras para escapar do medo da morte, da insegurança dos dias

e da perversidade de um governo que fora eleito em cima de ideais de morte, armas e mentiras. Se você estivesse aqui, meu amigo, com certeza teria suas palavras escritas e inscritas em alguma dessas obras.

Contudo, o medo não foi capaz de me paralisar e nem de interromper as palavras que me sufocavam a garganta em nó. Sobrevivi ao vírus e ao que me mantinha enclausurada. Consegui enxergar que ainda havia “[...] tempo de esperar a docência que o tempo me dá” (Oliveira, 2020, p. 146).

O tempo que me esperançou na pandemia ainda hoje me permite insubordinações na docência e na pesquisa. Quem diz que esperar não pode ser uma forma de subverter destinos? Você, Reinaldo, e eu sabemos muito bem isso.

Como pesquisadora, continuo aprendendo com meus pares, em cada reunião do GRUPES, em cada leitura, sentidos e significados compartilhados. Você me ensinou muito sobre a virtude da partilha e do coletivo e essa influência tão positiva em minha vida eu também devo a você. Embora as pesquisas dos integrantes de nosso grupo abordem temas diversos, encontramos na pesquisa narrativa e autobiográfica, que se ancora nas experiências e na própria vida em toda sua limitação e potência.

Reinaldo querido, ainda por conta de nossos estudos e pesquisas no GRUPES, ingressei em um estágio pós-doutoral na Universidade de Évora, Portugal. Confesso que eu nunca poderia imaginar que teria a oportunidade de realizar estudos de tamanha importância, ainda mais em outro país. Apreendi muito sobre formas de pesquisar com uma grande

pesquisadora dos estudos narrativos, a professora Conceição Leal da Costa. Foram dias de encantamentos em uma universidade que fora fundada em 1559, quase que ao mesmo tempo em que o Brasil se tornava colônia de Portugal. Nesse tempo, vivi experiências marcantes do outro lado do Oceano Atlântico, por meio de uma pesquisa participante, em uma turma do 1º ciclo do ensino básico. Isso corresponderia ao 3º ano do ensino fundamental aqui no Brasil. Estudei, li, escrevi, conheci pessoas e lugares, como um dia sonhou aquela menina que você conheceu adolescente.



Universidade de Évora

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Voltei ao Brasil, seis meses depois, e continuei a me dedicar à pesquisa narrativa e (auto)biográfica. Preciso dizer a você que sou muito feliz como formadora de professores, pesquisadora e professora do Ensino Superior. Contudo, minha trajetória, até aqui, só foi possível porque vivi ao lado de gentes dialógicas e silentes, afetuosas e racionais, comprometidas e libertas, disciplinadas e anarquistas, entre tantas características contraditórias em nossa humanidade e que eu reconhecia em você.

Logo o tempo de escrita desta carta me convida para um desfecho e acho que a melhor maneira de me despedir é trazer a canção de que você tanto gostava. Reinaldo, a *professorapesquisadora* que me constitui não desiste de “carregar água na peneira” e de cantar em coro, junto a você, que “[...] cada um de nós compõe a sua história / Cada ser em si / Carrega o dom de ser capaz / E ser feliz” (Sater; Teixeira, 1992).



Obrigada por me ensinar a humana
docência e ser feliz,

Quando a saudade faz o passado tão
presente.

Correspondências a mais



Caro leitor,

Nestas correspondências a mais, redimensiono as escritas das duas cartas que contam de minha trajetória de formação docente. Talvez meu desejo seja mesmo corresponder-me comigo mesma, refletindo sobre as palavras que aqui narram minha história. Por outro lado, esse movimento dá lugar aos sentidos e significados a que minhas narrativas correspondem. Assim, nessa ambiguidade linguística, proponho-me a dialogar com os sentidos refletidos a partir das experiências que me constituíram (e me constituem) *professorapesquisadora*.

Ao escrever sobre meu percurso de formação, intenciono contar-me (auto)biograficamente a tantas gentes quanto for possível carregar em minha peneira e o faço em um movimento de escrita-leitura-reflexão. Destaco que, com/nas/pelas palavras, penso a experiência como base da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), uma vez que é na materialização da experiência pela(s) palavra(s) que me apoio para narrar. Isso me evoca o conceito larroseano de experiência e me leva a compreender que o que narramos, nos exercícios de escrita-reflexão desta e de outras correspondências, de alguma forma nos atravessa, toca e nos transforma (Larrosa, 2002).

Aventurei-me ainda a pensar o quanto meu sujeito epistêmico se tece no sujeito biográfico e constrói

imagens plurais em meu percurso narrativo de formação docente até minha chegada à UFRRJ. Em meu ato de narrar reflexivamente, busco compreensões sobre a professora que sou em porvir. Persisto na ideia de que posso tomar minhas experiências narradas como objeto de reflexão, como pesquisa-formação (Dominicé, 2000; Josso, 2012 *apud* Passeggi, 2016).

Ao trazer a questão da experiência (Larrosa Bondía, 2002), quero ainda evidenciar o quanto a escrita, como movimento de fazer história (Prado; Soligo, 2007), afirma-se como marca nos processos de narrar, analisar e refletir sobre as escritas próprias e do(s) outro(s). Neste processo de preencher espaços vazios, não consegui apenas verbalizar minha história. Foram tecidos fios em palavras com os quais eu fazia coisas – juntava, ressignificava, buscava e perdia – e que também faziam coisas comigo – afetavam, transpassavam, presentificavam. Ao escolher as palavras para as missivas, compus hermeneuticamente minha trajetória de formação docente e dei a ela uma nova interpretação do lugar que agora ocupo: *professorapesquisadora* no Ensino Superior, mas pessoa ainda nascente, posto que a “História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens” (Couto, 2013, p. 29).

O tempo longo e nascente, não tão distante da memória, permitiu-me (re)conhecer o encontro feliz com outras duas meninas, professoras na universidade que, como eu, eram feitas de histórias. A infância humilde, as dificuldades, os sonhos, a família e a insistência em

transpor adversidades alinhavaram as estradas das três, agora *professorapesquisadoras* em tempos de escrita e buscas de outros sentidos para seus percursos de vida e formação. De alguma forma, aprendi a não ser só na vida e docência.

A confluência das histórias materializou nosso (agora em primeira pessoa do plural) desejo de narrar histórias da formação de si na relação com as duas outras. Em tripartite, planejamos, construímos nossos memoriais, dialogamos e refletimos sobre o narrado como uma escrita de si referenciada pelo encontro e pela decisão de pensar narrativamente.

Neste movimento de narrar, inseri-me inteira, apaixonada pela palavra, em busca da autorreflexão por meio da (auto)biografização. Mas a escrita não saiu inteira, foi-se fazendo em retalhos de momentos, como a própria vida, o que me possibilitou compreender os constantes (des)equilíbrios e (in)subordinações em minhas experiências formativas. Pude perceber ainda tempos de dedicação e muito trabalho, que sempre estiveram constituídos de palavras, com as quais eu fazia coisas e dava sentido ao que era e ao que me acontecia (Larrosa, 2004b).

Ressalto ainda que, ao escrever sobre minha trajetória como *professorapesquisadora*, costuro trechos de minha história como uma colcha de retalhos. Cada pedaço contém outras histórias que se ligam a outras, bordados e afetos de momentos importantes, e outros nem tanto assim, mas que ganham relevo no instante de (re)leitura e análise do que escrevo. Um encontro

potente do passado em meu presente e que narro como se conversasse com amigos leitores.

Por fim, resgato Passeggi (2011), quando a autora apresenta caminhos para que possamos refletir sobre processos de constituição de trajetórias e identidades profissionais. A proposta de (auto)biografização de meu percurso formativo e o esforço hermenêutico empreendido, durante os diálogos com Adriana e Juaciara, possibilitou-me pensar sobre minhas experiências vividas e em devir. É na busca por refletir sobre o que conto aos outros e a mim mesma que vislumbro conscientizar-me das experiências vividas. São os outros, que me atravessam e passam a habitar em mim, que carrego em minhas palavras em histórias. Tal como agora, na tentativa de dar um desfecho a esta carta, encontro no processo reflexivo dos momentos narrados, fios de outras histórias, o que me levam a crer que, como formadora de outros professores, a narrativa (auto)biográfica e a autorreflexão me permitem dar sentido ao que sou e faço em educação em outros tempos, talvez.

Volto então ao início de minha história, na tentativa de fechar o ciclo da escrita, não da docência, quando encontrei minha história de vida e formação através da menina que queria ser professora em tempos sonhados na infância. Tempos de longos caminhos e que hoje demandam muito mais cuidados. Daqueles tempos até agora, a menina se foi fazendo em remendos e costurando atalhos para realizar seus sonhos. Foram os pequenos tecidos, costurados em linhas de afetos que, no esforço de narrar, permitiram-me traduzir alguns bordados e outros

remendos de minha trajetória profissional. Enquanto escrevia e invocava Mnemósine, fazia escolhas do que narrar, sabendo que tudo contava e, no tecido costurado, formaram-se imagens de duas pessoas extremamente significativas em minhas experiências: uma professora dos anos iniciais que encantava histórias de tribos indígenas, cantorias de tempos desconhecidos; e um amigo professor, muito sabido e humano. Imagens que me trouxeram a perspectiva autopoietica do tanto que essa mulher e esse homem me constituem como pessoa e professora que sou.

Talvez eu tenha conseguido, por fim, inscrever as marcas que se inserem na grande questão da presença do que está ausente (Ricoeur, 2010), em minhas memórias de *professorapesquisadora*. O pouco que consigo compreender é que, em tempos de barbárie e retrocessos, como o que vivemos agora, recuperar os rastros do que ainda nos mantém humanos é o que pode nos salvar e salvar a vida planetária de nós mesmos. Consigo agora afirmar, sem titubear, que a docência que conta é humana, necessária, aditiva e repleta de histórias. Isso eu também aprendi a aprender.

Com votos de que você aprenda sempre mais,



Quando a certeza de que desistir nunca será opção.

Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARROS, M. de. **Exercício de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Trad. João Barrento. 2 ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.
- BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. Lei n. 6.310, de 15 de dezembro de 1975. Brasília (DF): D.O.U. Seção 1, de 16/12/1975, p. 16.684. Disponível em: <https://www2.camaraleg.br/legin/fed/lei/>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A (org.). **Profissão Professor**. 2a ed. Cidade do Porto: Porto Editora, 1995, p. 63-92.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2 ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- COUTO, M. **Cada homem é uma raça: contos**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LARROSA, B. J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n. 19, p. 22-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCns pZVDxC/?format=pdf&lang=pt>

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

OLIVEIRA, L. A. de. Sobre angústias e esperanças que o tempo me dá. *In*: OLIVEIRA, L. A. de; GOMES, J. B.; COSTA, A. A. F. (org.). **A docência (que) conta**: narrativas de isolamento social. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. [e-book]. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/a-docencia-que-counta-narrativas-de-isolamento-social/>

PASSEGGI, M. da C. A experiência em formação. *In*: **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em 10 fev. 2024.

PASSEGGI, M. da C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.9267>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (org.). **Porque escrever é fazer história** – revelações – subversões – superações. 2 ed. Campinas: Alínea, 2007.

QUEIRÓS, B. C. de. **Tempo de voo**. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

Discografia

SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. **Tocando em frente**. Sony Music: 1992. [gravada por Almir Sater]. (CD Almir Sater ao vivo).

Para::

Nós, Adriana, Luiza e Juaciara somos professoras na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Neste livro, reunimos cartas endereçadas a todas as pessoas que queiram ler, escrever e contar histórias. Os textos são um gesto de partilha aberta e honesta, um exercício de se pensar a formação da existência de professoras, que estão na educação superior por resistência, teimosia, muito trabalho à revelia da história. Por isso, as histórias não são nossas, autoras do livro, mas de tantas outras gentes que desejam, ocupam e valorizam o conhecimento produzido pela universidade como uma forma de melhorar o mundo.

GRUPES/UFRRJ



ISBN 978-65-265-1197-8



9 786526 511978 >